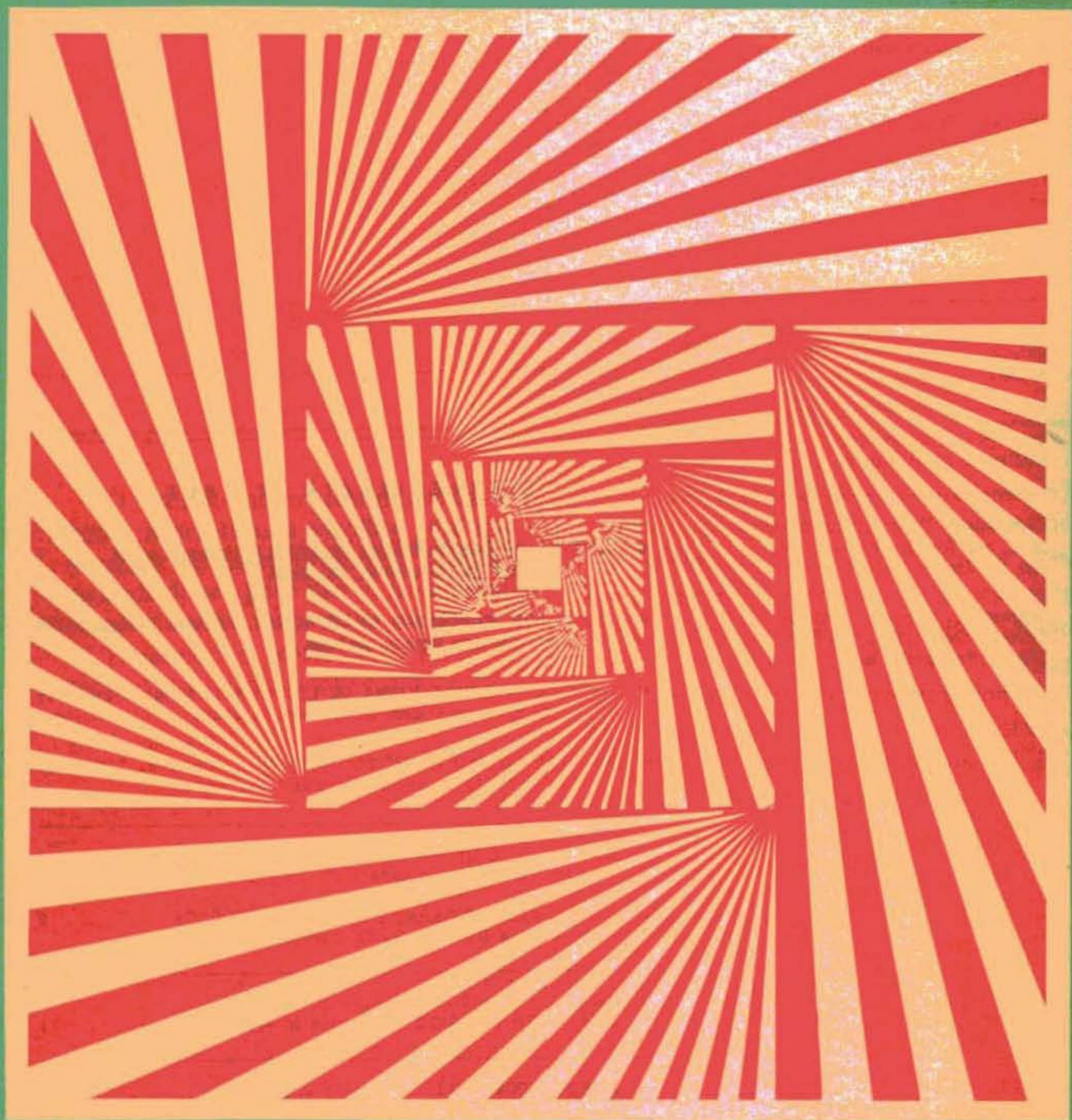


CONVERGÊNCIA

Agosto — 1971 — Ano IV — N.º 37



A EXPERIÊNCIA DE DEUS
NOS FUNDADORES DE ORDENS
E CONGREGAÇÕES

CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Enderço telegráfico: Conferência
Rio

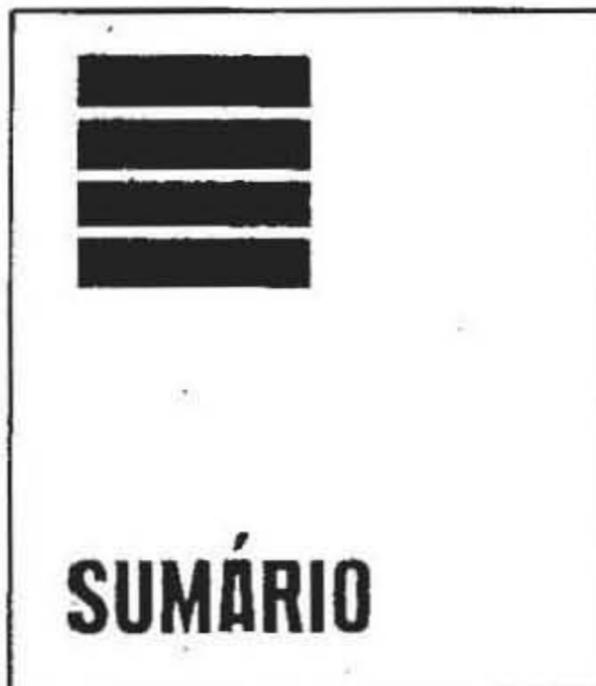
Assinatura para 1971:

Brasil	Cr\$ 25,00
Exterior	US\$ 10,00
Avulso	Cr\$ 2,50

Os artigos assinados são da respon-
sabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 —
Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editôra VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — Petrópolis, RJ.



◆ **EDITORIAL** 1

A EXPERIÊNCIA DE DEUS:

- ◆ **NA VIDA DE SANTO INÁCIO DE LOIOLA**, Nelson Carloni ... 7
Fundador da Companhia de Jesus
- ◆ **FEITA POR MARCELINO CHAMPAGNAT**, Floriano Tescarolo 15
Fundador dos Irmãos Maristas
- ◆ **NA VIDA DE SANTA JOANA DE LESTONNAC**, Rosa Jimenez 19
Fundadora da Ordem Companhia de Maria
- ◆ **NA VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**, Aquino R. Tôrres 27
Fundador da Ordem dos Padres Franciscanos

SÃO VICENTE DE PAULO, Fundador da Companhia
das Filhas da Caridade

- ◆ **É ORIGINAL NAS OBRAS E NA ESPIRITUALIDADE** 2
Maria Odézia Santos e Sylvia Carmen Castro

-
- ◆ TERESA COUDERC, Fundadora do Cenáculo
SE O GRÃO DE TRIGO ... Carmen D. Pereira de Mello 11

-
- ◆ **LIVROS RECEBIDOS:**
 - Editôra Vozes Ltda. 4 e 13
 - Edições Lolola 32
 - Herder Editôra Ltda. 31
 - Outras Editôras 9 e 30

A maior preocupação do homem é sua identificação: saber aonde vai e para que está gastando sua vida.

As tarefas de nossa vida, por maiores que sejam, não nos assustam. Sempre encontramos forças para executá-las e ânimo para prosseguir, se virmos nelas, um sentido elevado que justifique o sacrifício.

Todos os religiosos estamos preocupados com a renovação de nossos Institutos. Buscamos identificar o carisma dos fundadores, as suas aspirações evangélicas que os impeliram a criar uma nova família religiosa. Procuramos nos situar no tempo deles, despojar de sua obra os condicionamentos históricos e ambientais.

Confrontamos sua imagem originária com o evangelho, para descobrirmos as linhas mestras de sua obra. Isto nos capacitará a vermos com nitidez o carisma que justifica nosso viver, até onde ele continua sendo hoje um sinal evangélico, uma força propulsora da mensagem de Cristo.

Esta busca se faz mais urgente ainda, ao sabermos que fé, esperança, amor meramente intelectuais não salvam ninguém. Começam a se tornar sinal de presença divina a partir do momento em que assumirem formas concretas na vida de pessoas concretas. Este acontecimento salvador se verifica na história de cada fundador de Institutos religiosos.

Neste número de **Convergência** apresentamos seis fundadores que exemplificaram cada qual um carisma, seguindo ao Cristo ao seu modo, numa total fidelidade ao Evangelho. Todos eles foram eminentes **religiosos**.

- Nós buscamos o que significa ser religioso?
- Como viver intensamente a vida cristã?
- Como ter o Cristo como ideal único?

Estas pessoas também se perguntaram. Cada uma respondeu fielmente: **Inácio de Loyola, Marcelino Champagnat, Joana de Lestonnac, Francisco de Assis, Vicente de Paulo, Tereza Couderc.**

Serão eles luzes semeadas em nossos caminhos a nos indicar o que é a vida religiosa.



EDITORIAL



VICENTE DE PAULO

É ORIGINAL

EM SUAS OBRAS

EM SUA ESPIRITUALIDADE

IRMÃS MARIA ODÉZIA E SYLVIA
Experiência de Santa Cruz — GB

“UMA
IRMÃ
IRÁ DEZ
VEZES
VER OS
DOENTES
E DEZ
VEZES
POR DIA
ENCONTRARÁ
DEUS.”

Vicente de Paulo é preparado por Deus de modo especial. Já era um homem maduro, vivido e sofrido quando chegou a compreender sua missão.

Pequeno camponês, como nos relatam seus biógrafos, estuda, graças aos sacrifícios do pai, pensando — e por que não — que o filho, uma vez sacerdote, poderá ajudar financeiramente a família. O pequeno Vicente entra nos cálculos do pai. Embora piedoso, luta contra as tendências do orgulho que brota em seu coração de criança. É ele mesmo quem relata aos seus confrades o fato ocorrido em sua juventude. Uma vez, o pai vai visitá-lo e o jovem Vicente sente vergonha daquele rude camponês mal vestido, mal apresentado. Ordenado sacerdote anda à procura de um benefício como fazem os outros de sua classe, quando não pertencem à família nobre. Nesta época, para receber uma pequena herança, pe-

de um cavalo emprestado, vende-o para voltar por mar e acaba caindo prisioneiro nas mãos de um corsário.

Vendido como escravo passa de um dono para outro. Finalmente consegue a conversão de seu último senhor e readquire a liberdade.

A Providência coloca-o na casa dos Gondi. É lá que êle trava o primeiro contato mais íntimo com a nobreza da época, tornando-se confessor de Madame Gondi e preceptor de seus filhos. Lá êle também conhece a vida miserável dos forçados, que trabalham acorrentados nas galeras do Senhor de Gondi. Lá toma consciência da ignorância, miséria material e espiritual do povo.

Vicente já é quarentão. Tem bom cabedal de experiências bem vividas, mas parece não ter ainda descoberto sua missão, encontrado seu

caminho, seu lugar na Igreja de Deus. Falta-lhe conhecer mais intimamente a angústia da procura. Ei-lo que foge da casa dos Gondi. Vai para uma Paróquia. Volta à casa dos Gondi depois de certa relutância.

Finalmente começa a pensar em algo de mais concreto. Reúne os três primeiros companheiros para pregar missões entre os camponeses das terras do Senhor de Gondi. Essa iniciativa aparece como resultado de um pedido insistente da Senhora de Gondi. O Padre Vicente ouvira em confissão um moribundo, após a qual o mesmo declara que estaria, sem dúvida, condenado, se Deus não lhe tivesse enviado aquele sacerdote. A Senhora de Gondi, piedosa, delicada e sensível, pensa nos outros camponeses e faz um apêlo ao Padre Vicente, propondo financiar as primeiras missões. É o início de uma de suas grandes obras: A CONGREGAÇÃO DA MISSÃO. Mais tarde ele dirá que a fundadora da Missão é Madame Gondi.

Trata-se de uma Congregação diferente para uma finalidade diferente: Missão entre os camponeses. Aqui, como em todas as suas obras, Vicente não segue apenas suas inspirações interiores, seus desejos, seus atrativos espirituais. Descobre os sinais de Deus nos acontecimentos e é assim que entra ele no plano de Deus para a criação de suas obras.

Os tempos são maus. A Igreja atravessa uma fase difícil particularmente na França. O clero ignorante, interesseiro é uma classe aburguesada ao lado da nobreza. Poucos se interessam pelas coisas de Deus, mas muitos são os que buscam benefícios. Igreja e Estado se misturam e a corrupção é geral, com raras e honrosas exceções.

A vida política está em decadência. A nobreza sente próxima sua queda, as guerras assolam o país. Um estrangeiro, de certo modo, manobra o reino, através da rainha fraca e incapaz, mal assessorada, diríamos hoje.

A pobreza, a miséria, a revolta dominam o país. E o Padre Vicente, dotado de extraordinário bom senso vai encontrando seu caminho, vai realizando a obra de Deus, a seu modo.

A ORIGINALIDADE DE SUAS OBRAS

1 — Os grandes pregadores da época eram mestres em oratória, conforme a moda do tempo, o estilo floreado, a entonação da voz é dramática. É chic ir à catedral ouvir as grandes pregações da Quaresma. É uma espécie de promoção pregar para esse auditório exigente e pedante.

Padre Vicente e seus companheiros se dirigem a outro público. Seus ouvintes são os ignorantes, os analfabetos dos campos. Por isso

mesmo o estilo de suas pregações é bem simples e ele chega a proibir seus confrades de usar o estilo rebuscado.

Por muito tempo, diz ele, só pregou um tema que ele procurava adaptar à capacidade intelectual dos seus ouvintes.

Os Fundadores de Ordens ou Congregações logo de início escreviam suas Regras, procuravam uma sede e iniciavam suas atividades específicas. O Padre Vicente não se preocupa em escrever. Começa vivendo e vai desvendando os planos de Deus através dos acontecimentos. Foi uma luta fazê-lo aceitar o imóvel de São Lázaro para sede de sua Congregação.

2 — As Damas da Caridade não tiveram nascimento mais premeditado.

Como Vigário de Chatillon-les-Dobes, um dia, antes da santa Missa, alguém lhe pede recomendar aos fiéis uma família em grande penúria e ele o faz com todo o ardor de sua alma sensível e experimentada. Após a missa ele próprio vai visitar os seus recomendados e verifica quantos atenderam seu apêlo. A família atravessando uma crise difícil, a generosidade de seus paroquianos, eis o sinal.

Vicente, homem prático que anda com os pés na terra, pensa tão somente organizar aquela assistência aos Pobres de sua Paróquia de modo a conseguir um melhor aproveitamento dos recursos. Essa organização é uma novidade na época e o sistema de atendimento se estende a outras Paróquias.

Dentro de alguns anos, quando o Padre Vicente se transfere para Paris, a Caridade penetra até nos palácios e as damas da nobreza se reúnem para tratar de assuntos relativos à assistência social, e até mesmo para ir visitar os Pobres e levar-lhes algum lenitivo. Grande ousadia quando a distância entre as classes sociais é tão grande e o relacionamento entre as mesmas tão limitado.

Os senhores da nobreza não podem aceitar que suas esposas desçam do pedestal da honra para penetrar nos casebres imundos da gente suja, ignorante, sem educação. Por outro lado as damas têm seus compromissos sociais. Mas os pobres, êsses, aumentam sempre nas ruas, nos casebres, nas ruínas, nas grandes casas velhas. É o êxodo dos campos em consequência da fome, da guerra. Eis os fatos.

O Padre Vicente reflete. Há necessidade de alguém que sirva de intermediário entre a fonte de recursos e os necessitados. Mas que Ele mesmo ainda não o sabe. Por uma circunstância providencial ele se torna o confessor da viúva de um secretário da rainha, o senhor Le Gras. Luísa, assim se chamava a ilustre viúva, descendente da nobre família Marillac, era uma

pessoa piedosa, delicada, sofredora, inquieta e um tanto complicada, segundo seus biógrafos. O Padre Vicente vai imprimindo-lhe aquela virilidade espiritual que é sua característica.

Entrementes, em uma de suas missões encontra-se com uma jovem camponesa, Margarida Naseau, desprovida dos bens da fortuna, mas dona de um grande coração. Margarida não dispõe de bens materiais para doar aos pobres, mas quer se dar, gastar suas forças servindo seus irmãos necessitados. O caminho para Margarida seria o ingresso numa daquelas Congregações já existentes que serviam os pobres nos hospitais. Em Paris existia uma dessas, no Hotel Dieu. Mas o Padre Vicente pensa em outro caminho. Margarida será o primeiro traço entre as Damas da Caridade e os Pobres. Aos poucos, outras moças abraçam o mesmo ideal. Acontece que todas elas vêm do interior para a grande cidade, trazendo como bagagem amor e boa vontade. Só isto não basta para o bom desempenho da tarefa. Eis definida a missão de Luísa de Marillac: formar essas jovens para o serviço dos pobres. Assim nasce a Congregação das Filhas da Caridade.

São jovens simples, vindas do campo, que se associam para servir os pobres, procurando-os em seus esconderijos, em suas mansardas.

A Congregação das Filhas da Caridade parece ter sido a preferida entre todas as suas atividades, embora não se considerasse seu Fundador. Por isso mesmo, mais do que as outras talvez, revela toda a criatividade e originalidade do grande gênio de século XVII.

As Ordens religiosas femininas possuem todas o mesmo estilo: usam hábito religioso, estão sujeitas a Regras estabelecidas pelos Fundadores, vivem encerradas nos conventos, dedicam-se à recitação dos ofícios, gastam o tempo na oração, nas penitências, nos trabalhos domésticos no interior do Convento. O Padre Vicente vai moldando suas filhas conforme o bom senso e os acontecimentos. Não usam hábito religioso, mas guardam o modo de vestir-se das camponesas da época. Ao enviar as Irmãs para Nantes e para Hannebont faz a mesma recomendação:

"Se vos perguntar quem sois, se sois religiosas, dizei-lhes que não, graças a Deus, não por não apreciardes muito as religiosas, mas porque, se o fôsseis, teríeis de estar encerradas e que, por consequência, teríeis de dizer: "Adeus serviço dos pobres".

São Vicente exige de suas filhas uma perfeição maior do que a das religiosas uma vez que devem viver mais expostas do que elas: "tendo por claustro as ruas da cidade, por cela as enfermarias dos hospitais, por véu a santa

LIVROS RECEBIDOS

EDITORA VOZES LTDA.
RUA FREI LUÍS, 100
CAIXA POSTAL, 23
PETRÓPOLIS — RJ

MYSTERIUM SALUTIS, de Johannes Felner e Magnus Loehrer, 1 Volume. Ano 1971. Páginas: 250. Teologia fundamental.

Mysterium Salutis é uma espécie de Suma Teológica. Os temas fundamentais da teologia da religião cristã são aqui tratados numa profundidade incomum aos manuais das Faculdades Teológicas. A obra que compreende vários volumes quer ser uma síntese entre as pesquisas históricas sobre os dogmas e as tradições cristãs, as enormes conquistas no campo bíblico e das ciências humanas. A perspectiva histórico-salvífica permitiu criar uma concepção-base que fez abandonar os cânones tradicionais da antiga dogmática e ao mesmo tempo assimilar inúmeros temas de grande relevância humana dentro da reflexão teológica.

Para isso convocaram-se especialistas do mundo inteiro. Cada capítulo é uma minuciosa monografia. O tema é abordado e iluminado a partir de várias achegas, bíblica, dogmática, histórico-evolutiva, ecumênica, filosófica, na arte e na poesia, se for o caso, afinal, dentro do vasto horizonte interdisciplinar por que se orienta hoje a reflexão em todos os campos do saber humano.

Numa única obra encontramos não só os tratados principais da teologia dogmática, da teologia fundamental e apologética, mas também exegese, história, direito, moral, liturgia, querigmática e eclesiologia, temas estes inseridos dentro do contexto de uma visão profundamente unitária da história da salvação que vem desde o justo Abel, nos atinge a nós e se estende até o último eleito.

Esse primeiro volume aborda os importantes temas: Que significa afinal, História da Salvação? E como Deus age por palavras e atos na História da Salvação, revelando-se a si mesmo e revelando o homem para o homem. Tudo isso é pensado e proposto num diálogo frutífero com a tradição da Igreja, com as teologias não católicas e com as concepções do mundo não cristão.

Leonardo Boff

modéstia e por grade o temor de Deus." Ousadia inédita expressa numa inspiração poética!

As Irmãs são enviadas duas a duas para o trabalho nas paróquias e se integram de tal modo no meio onde atuam que passam a ser chamadas simplesmente pelo nome da paróquia como: "Irmã Bárbara de São Salvador, Irmã Joana de São Lourenço". Desejava que suas

filhas pudessem trabalhar para prover à sua própria subsistência e assim prestar assistência gratuita nas paróquias.

A inovação é tão grande que nem todos os Bispos a aceitam.

Nessa altura já compreendeu o plano de Deus sobre suas filhas. Tem tanto receio que alguém possa modificá-lo que ele, tão avêso às honras, exceções, prestígios, não se nega a atender o pedido insistente da Fundadora a fim de conseguir, para a Associação nascente o privilégio da isenção do ordinário do lugar. Assim a Congregação receberia sempre a mesma orientação.

Embora os leigos não ocupassem lugar de destaque nos trabalhos apostólicos, Luísa de Marillac, em suas visitas às Caridades do interior fazia preleções às mulheres e os homens se ocultavam para ouvi-la. As próprias Irmãs devem instruir os doentes, prepará-los para o momento supremo. A assistência aos necessitados, em São Vicente, não passa de meio para atingir o homem e levar-lhe a grande mensagem: "Deus o ama."

ORIGINALIDADE — O SERVIÇO DOS POBRES

É claro que os Institutos religiosos já assistiam os Pobres, os doentes. A originalidade de São Vicente consistiu particularmente na forma. Enquanto os outros esperavam que os pobres viessem até eles, São Vicente empregou outro método: enviou suas Filhas até aos casebres e esconderijos dos pobres. Parece de pouca importância essa inovação, mas revela um grande espírito de observação, grande conhecimento do homem.

O novo método evita transtornos para o doente e sua família. Não exige dele esforços para uma adaptação como ocorre nos casos de internação e permite conhecer melhor o pobre em toda sua dimensão. É a caridade que toma uma nova forma, procurando salvar o homem todo. No seu pensamento essa novidade encontra sua origem diretamente no Evangelho — novo impulso de seiva evangélica, novo florescimento carismático — para responder às necessidades do seu tempo.

São Vicente encontra uma nova mística: **"O POBRE É JESUS CRISTO. É DEUS.** Uma Irmã irá dez vezes ao dia ver os doentes e dez vezes por dia encontrará Deus".

Para ele o pobre é o sinal visível de Deus junto a nós. É uma espécie de sacramento. As orientações dadas às Filhas da Caridade são, de certo modo, perturbadoras. Ele que tem tanto apêgo à oração, ele que num assomo de ins-

piração mística e poética diz às suas filhas reunidas: "Se perseveramos em nossa vocação, é graças à oração; se somos bem sucedidos em nossos empreendimentos, é graças à oração; se permanecemos na caridade, tudo isto é graças à oração. Se a fizerdes sereis verdadeiros sóis e merecereis o louvor que se dá ao sol. Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo."

Esse mesmo homem chega a dizer: "Quando deixardes a oração e a Santa Missa para atender os pobres, nada perdereis, pois servir os pobres é ir a Deus e deveis ver Deus nas suas pessoas. Deveis ouvir Missa todos os dias, mas se o serviço da casa ou dos Pobres assim o exigir, não deveis pôr dificuldades alguma em omiti-la."

Poder-se-ia pensar que São Vicente se referisse tão somente às Missas de devoção, porém, certa vez ele disse claramente falando das Missas de preceito: "Se não tivésseis outra ocasião para ajudar o pobre senão o tempo da Santa Missa de domingo, deveríeis perdê-la, antes do que deixá-lo em perigo." (28-7-1648).

Baseado também no respeito ao pobre, os regulamentos das Irmãs não eram uniformes. Um era da cidade, outro o do campo, um da Irmã que trabalhava na rua, outro o da que permanecia em casa, ensinando as primeiras letras. Havia necessidade de conservar uma idéia central para todas, a espinha dorsal da Companhia. Ele o fez organizando as Regras comuns. Mas não se esqueceu de formular regulamentos específicos para as Irmãs que já nesta ocasião estavam nos "forçados", no "Santo Nome de Jesus", nos "Pobres loucos". Algumas vezes também enviou Irmãs para o interior do país e não lhes deu outro regulamento senão o cumprimento da vontade de Deus, que lhe seria manifestada na pessoa do Administrador do Hospital ou do Ordinário do Lugar. Todas estas regras foram vividas antes de serem escritas.

Muitas vezes encontramos, em suas Conferências, o aviso de que o pobre passava à frente de tudo. "Guardarão o melhor que puderem os vossos pequenos regulamentos, só o serviço dos doentes vos pode impedir de o fazer, e então será deixar Deus por Deus." (30 de agosto de 1656) "Preferir o serviço dos doentes a todos os exercícios, e não ter escrúpulos de deixar tudo para os assistir quando seja de necessidade absoluta."

São Vicente já havia compreendido que oração é estar junto a Deus. Um dos meios para isto é estar junto aos pobres que, no seu plano de fé, são a imagem de Deus. "Tudo quanto fizermos a eles se refere diretamente a Deus." "Tive fome e me destes de comer, tive sede, e me destes de beber"... Mt 25.

ESPIRITUALIDADE E ORIENTAÇÃO

A espiritualidade de São Vicente nada tem de particular. É a espiritualidade do Evangelho. Jesus Cristo é seu Mestre, sua meta. Ele descobre o Cristo no pobre e quer continuar a missão do Senhor Jesus. Não veio ele para evangelizar os pobres?

As virtudes que procura cultivar em suas filhas são as virtudes evangélicas:

◆ a divina caridade acompanhada de seu séquito;

◆ o desapêgo que nos liberta do sensível e nos lança nos braços da Fé e da Esperança;

◆ a simplicidade que nos leva à verdade nas atitudes e nas palavras;

◆ a humildade que nos coloca em nosso devido lugar diante de Deus, com tôdas as suas conseqüências.

São Vicente não se limitou a contemplar e honrar nenhum mistério particular da vida do Senhor Jesus, mas o Cristo total em todos os aspectos de sua vida mortal.

Para ele a caridade não é simples serviço humanitário, mas é missão evangelizadora e torna Deus presente. Ela é proximidade e partilha que abre o coração do pobre à Esperança, ao Amor e evangeliza os ricos.

São Vicente, como já foi dito, não foi um arquiteto que tivesse concebido um plano e procurasse realizá-lo. Era o romem da Providência. Repetia sempre gostar de andar ao lado da Providência, sem ultrapassá-la. Usava uma expressão que só mesmo em francês traduz sua idéia: temia *enjamber* com a Providência e estragar os planos de Deus. Uma vez, porém, que reconhecia o sinal de Deus através dos acontecimentos, nada era capaz de detê-lo. Era próprio do seu temperamento, do seu método, não partir de um plano, mas da vida, estando sempre atento às pessoas e acontecimentos.

A linha mestra de sua orientação, sua mística, sua espiritualidade, era Jesus Cristo no pobre. Daí a disponibilidade desta Companhia disposta a ir a qualquer parte; a flexibilidade

dos horários para adaptar-se a tôdas as formas de Pobreza.

Ele mesmo não possui uma técnica, mas um dinamismo que mobiliza a técnica de modo peculiar e cria nas pessoas uma mentalidade nova. Mais do que fundador, reformador, criador de instituição, ele é um formador de pessoas. O processo é muito simples: palestras, diálogo e vida. Vivendo é que se aprende. As conferências formativas dirigidas às Irmãs tem a forma desprestenciosa de um diálogo com suas filhas, quando derrama seu coração, pleno de amor ao "Filho de Deus no pobre."

Seu método seria chamado hoje "Círculos de estudos". Ele dá o tema, recomenda às Irmãs meditem sobre o assunto durante a semana. No dia vai interrogando-as pacientemente. Quando alguma se perde na resposta ele ajuda-a colocando ordem nas idéias, completando o pensamento: "O que nossa Irmã quis dizer foi..." Método simples, através do qual vai individualizando suas filhas, levando-as à reflexão, ao aprofundamento das idéias que procura incutir nelas.

CONCLUSÃO

Esses bosquejos sobre São Vicente e sua obra talvez sejam demasiadamente breves para permitir aos leitores, que ainda não o conhecem, formular um juízo sobre a EXPERIÊNCIA DE DEUS que ele teve. Talvez fôsse necessário um esboço histórico mais completo para situá-lo melhor em sua época, na trama dos acontecimentos que deram feição histórica ao século em que viveu. Só assim ficaria bem clara sua atuação na Igreja através da Congregação da Missão para evangelizar os pobres e reformar o clero; sua atuação na política como Conselheiro da Rainha, sua influência nas mudanças sociais com a assistência aos pobres por meio das Filhas da Caridade.

É possível que não tenha ficado bem claro que São Vicente não se limitou a ver e censurar os defeitos da sociedade de sua época. Mas quis remediar seus males, não criando instituições, mas formando pessoas com a ousadia que caracteriza os homens de fé.



ONDE SE SITUA A VIDA RELIGIOSA NA IGREJA

Ela não se situa na linha dos ministérios Instituídos como serviço dos melos da graça confiados ao povo da Nova Aliança. Não é, pois, exigida pela natureza da Igreja enquanto esta é estruturada como sociedade hierárquica e ordenada. Mas ela se situa na realização, pelo Povo de Deus, da finalidade de santidade da Igreja, como busca organizada de uma resposta tão absoluta, total e exclusiva quanto possível, a Deus, pela fé e pelo amor.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA DE INÁCIO DE LOIOLA

NELSON CARLONI S.J.

Foi a leitura da vida de Cristo e dos santos que deu a Inácio a oportunidade de uma forte experiência espiritual. Cristo apareceu-lhe em sua mente como o Rei Eterno em substituição ao rei temporal. Apresenta-se como um Rei vivo que ainda não terminou a conquista do mundo para o Pai e convida os homens para seus colaboradores.

Inácio, empolgado antes pelas idéias de serviço a um Rei desta terra abre-se agora para o serviço do Rei Eterno. É o germe do que crescerá mais tarde nos Exercícios Espirituais na sua consideração do Reino de Cristo. É também a raiz de toda sua conversão: entregar-se a uma vida nova sob a bandeira de Cristo, a exemplo dos santos. Cristo é o grande chefe da legião de santos cuja vida ia lendo no **Flos Sanctorum**.

A experiência de Inácio se aprofunda e Cristo, mais do que o mestre do heroísmo e o nobre senhor, revela-se como o Criador, cuja glória torna-se sua grande paixão.

EM MANRESA

No retiro de Manresa a experiência do Senhor se amplia pela meditação assídua dos mistérios da vida de Cristo. Cada dia são sete horas de oração, mais a Missa Solene na qual costumava ler a paixão do Senhor.

É um período de novas experiências. Recebe o esclarecimento sobre a Trindade quando recitava as Horas de Nossa Senhora na entrada do mosteiro. Vê a unidade trinitária sob a imagem de três tochas acesas. Ilumina-se também a verdade da criação e a presença de seu Senhor no Santíssimo Sacramento.

VISÃO DO CARDONER

Outra visão, à margem do riacho Cardoner, marcou para Inácio uma completa regeneração espiritual. Os olhos de seu espírito se abriram e, após a noite de escrúpulos e provações de Manresa, tem o sentimento de ser agora um homem novo.

A vida de Inácio ficou para nós como a descrição de uma experiência de como Deus se comunica aos homens através de seu Filho. Vamos ao Pai por Jesus Cristo. E Cristo se revela aos homens na simplicidade de suas vidas, servindo-se dos Livros do Castelo de Loyola, das cavernas de Manresa ou das margens do Cardoner. O que a Ele importa é que os homens pelos raios subam ao Centro e percebam a Fonte da Bondade da qual procedem e à qual retornam.

É nesta iluminação que Inácio adquire a visão religiosa do mundo. Nela tem experiência dos caminhos de Deus na conduta dos homens, dos mistérios divinos da Trindade e da Incarnação de Cristo. Conhece ainda "as coisas da ciência", isto é, tudo que resulta do ato de criação.

O centro desta visão é a missão que o Pai confia ao Filho de salvar todo o universo criado e a comunicação desta missão à sua Igreja. Inácio afirma ter recebido nessa iluminação, conhecimento da história do mundo, da salvação operada pela Trindade em Jesus Cristo — o Criador — que desde o início dos tempos é o centro do mundo.

Inácio quer ser continuador de Cristo no combate espiritual contra as forças do mal. Quer se entregar inteiramente ao serviço de seu Rei Eterno.

A partir desta aparição vive grande unidade interior envolvendo no mesmo olhar a missão de que Cristo o investe e as atividades profanas, ciências e letras, a que ele chamará mais tarde de "meios humanos". É sob a luz do Cristo, Senhor de toda a criação, que Inácio se entregará à vida apostólica.

Podemos assim reconstruir a experiência interior de Inácio: no centro, a Trindade santa, na sua inefável Unidade; daí se irradia toda a criação resplandecente em torno da humanidade de Cristo Rei, o qual, hoje invisivelmente presente no mundo pelo mistério eucarístico chama a seu serviço o soldado de Loyola, purificado pela provação.

Aos poucos Inácio tempera suas austeridades, corta as unhas e os cabelos e se interessa pelo fruto que as palavras produzem nas almas. O olhar interior de Inácio subordina a penitência às obras apostólicas.

O amor a seu Senhor o leva então à Terra Santa. Quer ver, quer tocar o que Cristo viu e tocou. Quer reviver a história do Senhor. A experiência de Cristo se reveste de terna devoção à sua humanidade e aos mistérios de sua vida terrestre. Durante a viagem, Cristo se comunica à seu servo muitas vezes dando-lhe consolação e coragem.

Na Terra Santa o peregrino assume o ideal da pobreza para mais de perto imitar seu Senhor. Seu desejo era de fazer apostolado na mesma terra em que Cristo pregou às multidões. O anseio de Manresa se transforma. Não deseja mais só fazer penitência em honra de seu Senhor, mas segui-lo no apostolado, "ajudando as almas" até o fim de sua vida. Os ensinamentos de Cristo penetram em seu íntimo. Quer reviver, se for para glória de seu Senhor, a pobreza e a humilhação do mestre.

DEPOIS DE JERUSALÉM

Inácio entende que para "ajudar as almas" devia estudar. As graças e visões dão lugar a um tempo tranqüilo em Paris, consagrado à preparação para o sacerdócio. Domina-o o ideal do maior serviço de Deus tão repetido em suas cartas. É um tempo de fundamentação científica de tudo que Deus lhe comunicara em ilustrações espirituais.

Terminados os estudos, Inácio recebe de Deus visitas extraordinárias semelhantes às que tinha em Manresa. No caminho para Roma dá-se a experiência da Storta. Esta aparição na vida de Inácio é, o que foram para São Francisco de Assis, os estigmas no Alverne. Marca uma experiência nova de união com a Santíssima Trindade que o associa e conforma com Cristo Crucificado. Confirma-se o apêlo do Rei Eterno para trabalhar e sofrer com Ele, para com Ele ser glorificado.

O centro da visão é o Pai que une Inácio a Jesus e lhe promete o seu favor. Inácio faz-se servidor de Jesus quando experimenta interiormente a palavra de Cristo: "quero que tu nos sirvas." Daí a grande devoção ao nome de Jesus e seu desejo inamovível de que seu grupo se chamasse "Companhia de Jesus".

Como em Manresa, a experiência de Cristo introduz Inácio no mistério trinitário. É o Pai que "coloca com seu Filho" a Inácio. Parece o eco em sua vida das palavras de Jesus no Evangelho de João: "Pai, quero que os que me deste estejam comigo."

EM ROMA

A experiência de Cristo na vida de Inácio foi se aprofundando. De Loyola a Montserrat o Mestre seduziu sua imaginação cavalheiresca, inflamou-lhe a vontade. Em Manresa, o Verbo Criador, Luz do Mundo, iluminou-lhe o espírito. Na Terra Santa, em Salamanca e Paris, o Salvador pobre e humilhado revelou-lhe os caminhos da salvação. Na visão de Storta, o crucificado, tomando-o consigo, admite-o no mistério sacerdotal do seu amor e prende-lhe para sempre o coração.

Chegamos agora à última etapa. Uma força irresistível o chama a Roma para "ajudar as almas". É a experiência de Cristo que se abre para sua Igreja.

Está bem fixo na mente de Inácio e de seus companheiros o anseio de seguir em tudo a Cristo. Para isso nada mais seguro do que entregarem-se ao Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra.

Nesta época escreve: "Nós nos consagramos ao Soberano Pontífice, pois que Ele é o

Senhor de toda a Messe de Cristo. Oferecendo-nos a êle declaramos-lhe que éramos padres para tudo o que desejasse de nós no Cristo. Fizemos a promessa de nos submetemos ao julgamento do Papa porque sabemos que é êle que tem melhor conhecimento do que é necessário a toda a cristandade."

Portanto, em Roma se concretiza o pensamento de Inácio de cooperar com a Igreja na obra de Cristo. Quer viver apenas para procurar "a honra e louvor a Jesus Cristo nosso Redentor" na Igreja e pela Igreja.

A experiência de Jesus Cristo em Inácio de Loyola iniciou-se através da humanidade do Verbo para terminar nos homens por amor dos quais se encarnou. Inácio encontrava a seu Senhor em todas as coisas por êle criadas, subindo pelos raios ao centro de toda luz.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE INACIO

Sua experiência espiritual foi-nos legada no Livro dos Exercícios. Seguindo a Inácio como mestre de oração, logo no início dos Exercícios, somos convidados a nos colocar na presença do nosso Criador, do qual provêm todas as coisas por amor, até que nos tornemos possuídos do desejo de em tudo buscar sua Vontade.

A consciência viva de que somos pecadores nos abre, a seguir para a experiência do perdão de Deus em Cristo. Aqui Inácio faz-nos reviver toda a intensidade da indignação que o homem tem da salvação até ter experiência do amor pessoal de Jesus Cristo crucificado por seu amor.

Esta experiência de que Deus nos ama em Cristo faz-se pelo ato de Fé adulta de quem revive toda a verdade do próprio pecado e da misericórdia de Deus. É Cristo na cruz que nos revela o Amor Eterno da Trindade.

O homem consciente do perdão e ligado por amor a Cristo que o salva, cresce no desejo de fazer grandes coisas pelo seu Senhor. Inácio leva o exercitante na oração a perguntar insistentemente: Que farei por Cristo?

É preparado para esta experiência interior que o exercitante se encontrará com o Rei Eterno e reviverá a seu modo a generosidade de Inácio em Loyola, oferecendo-se para tudo o que fôr de maior serviço de seu Senhor. A ilustração de Inácio sobre o mistério de Cristo pobre e humilhado faz-se através das contemplações da vida escondida. Até mesmo a experiência da Storta é revivida através do pedido humilde de que "seja recebido sob a bandeira de Cristo". O pedido é feito sucessivamente

♦ ao Pai para que me coloque com seu Filho;

LIVROS RECEBIDOS

INTRODUÇÃO À TEORIA DOS SISTEMAS, C. West Churchman, 1971. Páginas: 310.

O enfoque sistêmico é, hoje, o principal modelo utilizado em ciências sociais, teoria administrativa, economia etc. Contudo, no Brasil, ainda não é suficientemente conhecido, principalmente, cremos, por ter tido origem na teoria matemática da cibernética. Este livro é uma tentativa de examinar o que significa "approach" sistêmico. Não parte do ponto de vista da venda da idéia, mas examina a sua validade num clima de debate. Muito se fala em enfoque sistêmico, mas o que realmente se entende por isso? Quais suas aplicações no presente e no futuro?

O conteúdo deste volume abrange desde a noção elementar de sistema até exercícios práticos de enfoque sistêmico nas diversas disciplinas. É um livro indispensável nos cursos básicos universitários em geral.



THE REVISED of religious profession. International Committee on English in the Liturgy, Inc. Toronto, Canada.

TESTEMONIANZE, janeiro-fevereiro 1971.

SEMINARIOS, n.º 43, volume 17, janeiro-abril 1971. Cuadernos de formación religiosa. Instituto Vocacional de Salamanca.

VINCULUM, revista dos religiosos de Bogotá, janeiro-fevereiro 1971.

VIE CONSACRÉE, maio-junho 1971, n.º 3.

O QUE É PARAPSIKOLOGIA?, Oscar G. Quevedo, 1971. Páginas: 125.

O padre Oscar G. Quevedo, jesuíta, é diretor-presidente do Centro Latino-Americano de Parapsicologia (Faculdade, Clínica, Instituto de Pesquisa) em São Paulo; diretor do Departamento de Experimentação e Pesquisa do Instituto Brasileiro de Parapsicologia, Rio de Janeiro; Membro Honorífico do Instituto de Investigações Parapsicológicas de Córdoba (Argentina) e Montevideu (Urugual). Autor de diversos artigos sobre esta especialidade em várias revistas científicas, tendo já publicado dois livros: **A FACE OCULTA DA MENTE** e **AS FÔRÇAS FÍSICAS DA MENTE**.

Neste livro, o Padre Quevedo nos apresenta uma visão de conjunto, sumamente útil e interessante, da Parapsicologia em todos os principais aspectos.

◆ ao próprio Cristo para que queira me receber;

◆ e à sua Mãe, para que me obtenha a graça.

Todo o trabalho interior do exercitante será agora o de discernir seu lugar na Igreja de Cristo. A eleição durante dias irá se preparando através da contemplação da vida de Jesus e da súplica repetida de que possamos escolher em tudo o que mais nos assemelhar a Ele. O estado de vida, as situações concretas da própria existência da Igreja de Cristo vão sendo escolhidas numa experiência delicada na qual o exercitante é ajudado pelas Regras de Inácio para discernir a vontade de Deus.

Uma vez manifestada a vontade de Cristo sobre a vida, continua a experiência de oração pela união com Cristo em seus sofrimentos e Ressurreição. Em toda esta fase, chamada por Inácio de 3.^a e 4.^a semana, fica presente, diante do exercitante a própria eleição que é continuamente apresentada a Cristo, num desejo de que Ele a confirme. É o sinal de que é verdadeira a doação daquele que padece por mim e me glorifica com Ele.

De Loyola a Roma a experiência de Inácio é refeita nos Exercícios Espirituais, desde o chamado do Rei Eterno até o compromisso em sua Igreja.

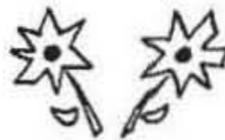
Para Inácio, a exemplo de João, Cristo vive entre os homens e conduz ao Pai a humanidade que redimiu no seu sangue. A contemplação

final dos exercícios ensina ao exercitante como alcançar amor e encontrar a Deus amando-nos em todas as coisas.

É Cristo vivo que está no Centro de onde partem os raios através dos quais somos convidados a subir para encontrar a fonte de toda a bondade. Ele é o Senhor que encontramos agindo em toda a história para reduzir os homens à unidade.

A própria vida de Inácio foi o lugar de sua experiência de Cristo, que a ele ia se revelando de modo crescente até levá-lo a reviver todo o mistério de sua Pessoa. Ascende da humanidade de Cristo à sua Divindade, até a experiência e a percepção interior de que a união a uma das Pessoas da Trindade envolvia a comunhão com toda a Trindade. Da humanidade de Cristo desce a todos os homens num anseio imenso de "ajudá-los" para que se deixem conquistar pelo Rei Eterno e assim entrem na glória do Pai.

A vida de Inácio ficou para nós como a descrição de uma experiência de como Deus se comunica aos homens através de seu Filho. Vamos ao Pai por Jesus Cristo. E Cristo se revela aos homens na simplicidade de suas vidas, servindo-se dos Livros do Castelo de Loyola, das cavernas de Manresa ou das margens do Cardoner. O que a Ele importa é que os homens pelos raios subam ao Centro e percebam a Fonte da Bondade da qual procedem e à qual retornam.



De todas as maneiras, ó Senhor, exaltastes o vosso povo e o cobristes de glória e não desdenhastes de assisti-lo em todo o tempo e em todo o lugar. Livro da Sabedoria, 19, 22.

UMA PERGUNTA E SUA RESPOSTA

— HÁ VALORES QUE SÃO EXCLUSIVOS DE ALGUMA ORDEM OU CONGREGAÇÃO RELIGIOSA?

Não é fácil nem simples responder. E a solução não parece ser tão imediata. Cada Ordem ou Congregação tem uma natureza específica e uma finalidade própria.

Nossa época se caracteriza por uma acentuada tendência de suprimir todos os valores distintivos e de comprovada forma própria, nivelando-os ao padrão da massa tendente à uniformidade. Seria lamentável que esta tendência atacasse e destruísse as formas típicas, justificadas por sua própria natureza, das Ordens e Congregações Religiosas da Igreja. Mas a coexistência secular dos vários grupos religiosos e o contato vivo entre eles, promoveram uma constante troca de valores, dados e recebidos de forma recíproca.

Estas idéias que, de início, eram propriedade exclusiva, passariam a ser propriedade comum da Cristandade, porque, afinal, apenas sublinharam de maneira impressionante, algum aspecto do Evangelho.



TERESA COUDERC

fundadora do Cenáculo

SE O GRÃO DE TRIGO...

CARMEN
DOLORES
PEREIRA
DE MELLO,
R. C.

Numa aldeia da França, cravada nas montanhas, mergulhada no silêncio dos campos, nascia, a 1.º de fevereiro de 1805, TERESA COUDERC — Fundadora do Cenáculo.

O silêncio dos campos, a solidez das montanhas vão marcar, indelêvelmente, a alma da Grande Silenciosa, cuja fé, caminho de salvação, aberto a todos os homens (Gal 2, 15; Rom 3, 21-31; 2 Cor 2, 17), a fixa no Senhor.

● Uma fé bastante profunda, costumava dizer, bastaria para mudar completamente uma vida. Que se pode fazer de mais agradável a Nosso Senhor do que estar sempre ocupado em torná-lo conhecido e amado?

Sim. De tal modo Teresa Couderc se torna apaixonada pelo ABSOLUTO, que prefere viver crucificada com Cristo, renunciando a viver na autonomia do eu, para deixar Cristo viver em si (Gal 2,19). “O mais perfeito é nada desejar e aceitar com submissão tudo o que Deus enviar.”

Como todo santo, Teresa Couderc teve uma profunda experiência de Deus. Nesta sua **profunda experiência** duas linhas se salientam:

- experiências limitadas e influenciadas pelo ambiente em que viveu — espaço e tempo —; ou, pela própria psicologia humana — temperamento e caráter;
- experiências que perduram através do tempo e do espaço, porque cimentadas no mais profundo do seu ser pelo próprio Deus e que, por isso mesmo, trazem em diferentes épocas uma mensagem nova.

De sua rica experiência o que mais valor teria **hoje** para a vida religiosa parece-nos ser: ◆ sua fé-confiança

- ◆ sua oração universal e profunda
- ◆ sua disponibilidade ao Espírito

FÉ-CONFIANÇA

Teresa Couderc crê no Amor de Deus. A êle se entrega, mesmo nas trevas mais espessas, quando tudo parece ruir a seus pés.

Colocada, aos 23 anos, à frente de uma pequena Congregação que toma uma característica antes mesmo que seus principais responsáveis o percebam, Teresa aprofunda resolutamente o seu caminho, que exige abandono total ao Amor incondicional de Deus e do próximo.

— Deixei-me levar pelo atrativo do AMOR, que em mim é sempre o mais dominante e o mais frequente... quando Nosso Senhor quer servir-se de alguém para sua glória, êle o faz passar antes pela provação e pela contradição, pela humilhação e pelo sofrimento. Sem isto, não se pode ser instrumento... Seria para mim um grande sofrimento não me sentir atraída para êle e não experimentar uma grande fome de Deus e de tudo o que diz respeito a seu serviço e a sua glória.

Em pouco tempo, Teresa Couderc é afastada do cargo de Superiora-Fundadora por ser considerada incompetente e se vê substituída por "uma viúva rica, improvisada Superiora Geral Fundadora, sem mesmo ter feito o noviciado" (**Anais da Congregação**). É que uma noviça, então nomeada ecônoma, aumenta as dificuldades financeiras da Casa, e a Madre Teresa é declarada responsável pela situação. Totalmente entregue a Deus, ela se retira, deixando como lembrança às suas filhas de ontem estas palavras admiráveis:

— É tempo para nós, minhas Irmãs, de sermos, enfim, verdadeiramente religiosas, submissas a nossa nova Superiora.

Jamais voltou a ocupar o cargo de direção no Cenáculo, e assim "desconhecida" passou 60 anos!

A humildade cristã se orienta pelo exemplo do Cristo e realiza-se imitando-o. A oposição que Jesus sofreu por parte dos fariseus, Teresa Couderc a revive em sua carne.

Desconsiderada por suas Irmãs e pela autoridade eclesiástica, "não abre a bôca" (Is 53).

Quando o Bispo da Diocese, à qual pertencia o Cenáculo, ciente da má administração e da ausência de espírito religioso na então "Superiora Geral Fundadora", manda chamar as Irmãs para deporem sobre o caso, Madre Couderc pede-lhe que lhe permita ficar calada: "nada tenho a dizer".

Atitude heróica, assim considerada no processo de beatificação, pois, falar sobre êste assunto implicaria, em sua humildade, acusar outrem e inocentar-se a si mesma.

E a Madre Teresa se calava...

Um dos seus panegiristas o Pe. Henry Perroy, encantado por êsse silêncio que tornava a fundadora do Cenáculo autêntica discípula do Cristo Jesus — "Jesus se calava!", assim se expressou por ocasião da beatificação, em 1951:

— **O silêncio da Madre Teresa!** Não seria êle, por ventura, o que a Igreja beatificou? Pela glória de Bernini têm passado, desde muitos séculos, todos os gêneros de santidade; santidade do zêlo, santidade da caridade, santidade da pobreza, santidade da inocência, santidade do arrependimento, santidade do sangue derramado em testemunho. No dia 4 de novembro a Igreja talvez tenha cantado um cântico nôvo, o cântico da santidade do silêncio.

Como Cristo, Teresa Couderc **entrega-se** no dom de si, alegre e desinteressada, a serviço de Deus e dos homens.

Sua fé a faz caminhar na luz — "Eu sou a luz do mundo, assim, todo aquêle que crer em mim não ficará nas trevas" (Jo 12, 26) — e a leva à grandeza de uma opção fundamental: entregar-se ao plano de Deus animada pelo amor fraterno (1 Jo 4, 10 ss).

Teresa Couderc lê os acontecimentos e vê nas pessoas que os provocaram os sinais da Presença de Deus, portadores de uma Mensagem. Crê e confia no agir salvífico de Deus no Cristo (Rom 5, 2). Ela se entrega ao AMOR.

— Compreendo tôda a extensão do sentido desta palavra **entregar-se!** Mas não posso explicá-la. Sei somente que é muito extensa, abraça o presente e o futuro. **Entregar-se** é mais que dedicar-se, é mais que dar-se; é mesmo algo mais que abandonar-se a Deus. **Entregar-se**, enfim, é morrer a tudo e a si mesma; não mais se ocupar do "eu" a não ser para mantê-lo voltado para Deus. **Entregar-se** é ainda não mais se buscar em nada, nem para o espiritual, nem para o temporal; isto é, não mais procurar a satisfação própria, mas unicamente o beneplácito divino.

É preciso acrescentar que **Entregar-se** é êsse espírito de desapêgo que não se prende a nada; nem às pessoas nem às coisas, nem ao tempo, nem aos lugares.

Numa existência longa — faleceu aos 26 de setembro de 1885, na idade de 80 anos — movimentada e dolorosa, o que faz Teresa Couderc sair das trevas para a luz, da morte para a vida é a sua fé, que nos lega, a nós, que vivemos numa época em que a crise de fé é um fenômeno quase universal, nos lega como caminho a seguir, a imitar.

Na fé, Teresa Couderc haure fôrças para agir, apesar de seus limites e fraquezas. Nela

resolve os problemas mais difíceis, descansa seu zêlo apostólico, infatigável e universal; passa por toda sorte de tempestade sem perder a paz.

Sua fé se manifesta numa confiança ilimitada, inspiradora de seu serviço. Por isso realiza com êxito o que a outros seria impossível. Será

ousada — na sua pequenez
magnânima — na sua humildade
esperançosa — nas provações
atrevida mesmo — nas suas resoluções e colóquios com Deus.

ORAÇÃO UNIVERSAL E PROFUNDA

Cristo Nosso Senhor teve por missão passar aos homens o amor do Pai (Jo 17, 26) e conduzir os homens ao Pai, pela oração.

“Senhor, ensina-nos a rezar”, lhe pediram os discípulos. Ele não somente lhes comunica um modelo de oração (Lc 11, 2), mas, Ele próprio é a possibilidade mesma de rezar como convém: “É pela fé em Jesus Cristo que, cheios de confiança, temos acesso seguro junto a Deus” (Ef 3, 12).

Aí está a significação última da oração cristã — “oração ao Pai por Nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5, 20; Col 3, 17).

Teresa Couderc é alma de oração.

Sua experiência de Deus, experiência autenticamente mística, é cimentada na fé e se exprime poderosamente na vida de oração.

“Rezar é minha missão.

Eu me ponho na presença do Senhor e lhe digo o que tenho no coração.

É preciso saber ficar a seus pés, no silêncio, na humildade.

Só tenho uma necessidade, um pensamento: rezar, sempre rezar.

Desejo também ter o espírito de oração para realizar perfeitamente o preceito do Senhor: “Rezar sempre sem jamais cessar de fazê-lo” (Lc 18, 1).

Abre-se totalmente à ação divina e com ela colabora; durante sua longa existência, oração e vida, oração e ação, oração e fé se unem indissolúvelmente. Através das consolações de Deus até ao silêncio e abandono na experiência do Getsêmani (que durou 16 anos), a fé nutre sua oração e a oração, sua fé.

— É preciso esperar os momentos do Senhor que nos são desconhecidos. Há mérito em esperá-los com paciência e submissão ao

LIVROS RECEBIDOS

EDITORA VOZES LTDA.
RUA FREI LUIS, 100
CAIXA POSTAL, 23
PETRÓPOLIS — RJ

ESTRUTURALISMO E TEORIA DA LINGUAGEM, de Michel Foucault, Luís Costa Lima, Antônio Sérgio Mendonça, Milton José Pinto, Mário Guerreiro. Ano 1971. Páginas: 240.

A presente coletânea reúne, sob a inspiração do mestre francês Michel Foucault, trabalhos de autores brasileiros sobre o pensamento estruturalista. Além do trabalho de Foucault sobre **História e Descontinuidade**, que abre uma perspectiva de reformulação de sua própria obra, temos a discussão teórica entre o pensamento estruturalista, defendido em alguns de seus matizes: na ótica levi-straussiana, por Luís Costa Lima; do ângulo hjelmsveliano, por Mário Guerreiro; e do greimasiano, por Milton José Pinto. A oposição está representada por Antônio Sérgio Mendonça, numa leitura que pretende apontar as lacunas da teoria estruturalista.



A PALAVRA E OS ECOS, de Ellane Zagury. Ano 1971. Páginas: 128.

Muitos de nossos escritores, no plano de ficção, têm ainda pouco definida sua posição exata na literatura de nosso país. Mas, de uma maneira ou de outra, todos sabem que eles surgem com a força de um desafio histórico a todo academicismo e trazem, em sua obra, a promessa quase profética de nossos tempos.

Em **A PALAVRA E OS ECOS** a autora, conhecida nos meios da crítica literária do país, propõe praticamente um reexame crítico da obra de diversos autores, sobretudo brasileiros, abrindo uma nova perspectiva sobre o seu estilo, importância social, posição dentro do conjunto da arte literária.

Livro de grande importância para o estudo da teoria e prática literárias, sobretudo hoje, quando mais do que nunca surgem novos critérios de julgamento para todos os valores.

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS, comentado por Rudolf Schnackenburg. Traduzido por Frei Edmundo Binder, OFM. Ano 1971. Páginas: 240.

HOMEM, CÂNCER DA TERRA?, de Paulo Overhage. Ano 1971. Páginas: 95.

Estará a humanidade condenada à fome se não controlar a natalidade e não for capaz de criar meios revolucionários de produzir novos alimentos?

beneplicito divino. Os momentos do Senhor não são sempre os nossos, mas tudo não está perdido...

É na fé que Teresa escuta e contempla, que responde e suplica, que cresce sua intimidade com o Absoluto e sua solidariedade com os homens. Na oração e na fé seu coração se dilata até abranger as dimensões do mundo:

Passo diante de meus olhos as necessidades do mundo inteiro.

No silêncio e no diálogo, na alegria ou no mais intenso sofrimento, a oração de Teresa Couderc se faz cada vez mais simples, mais intensa, mais sólida, mais despojada. Porque Deus a encontra a todo instante, age nela, na paz e na alegria do Espírito Santo.

DISPONIBILIDADE AO ESPÍRITO

O Senhor ressuscitado faz à Igreja o dom de seu Espírito, que, a cada um, aplica a Redenção oferecida na Cruz: **“todos os que são possuídos do Espírito de Deus são filhos de Deus”** (Rom 3, 14). “Quando o Espírito vier, dizia Jesus, Ele vos introduzirá em toda a verdade.” (Jo 16, 14).

Teresa Couderc não é uma mulher culta, alguém que se distinga por facilidades literárias. Sua vida simples, obscura e reta nos mostra o quanto pode realizar aquele que é possuído pelo Espírito de Deus. Ele atrai os que lhe são fiéis à relação de amor que une o Pai com o Filho, e os introduz na “atmosfera” divina.

Esta ação santificadora — **Permaneço no meu amor** (Jo 15, 9) — Teresa a experimentou, e sua experiência de Deus foi de claridade em claridade até a entrega irresistível à conduta do Espírito que a trabalha, a possui e a conduz de abismo em abismo. Sua disponibilidade radical ao amor é que fará dela a Grande Santa que é.

“Peçamos a Nosso Senhor que nos anime com o seu Espírito e que Ele nos dirija em tudo o que fazemos e em tudo o que dizemos.”

Sensível ao menor sopro do Espírito, a todos os sentimentos que Ele sugere, Teresa Couderc aceita desaparecer como “pedra angular” na fundação da Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo. Aceita, numa preferência de amor, ser posta de lado, e assim permanece meio século. “É preciso que ele cresça e eu desapareça.” (Jo 3,30).

Já alguém dissera:

Uma fundadora fala. Deus decidiu que a do Cenáculo se calasse.

Uma fundadora manda, Ele decidiu que a do Cenáculo obedecesse.

Uma fundadora escolhe o nome de sua Congregação. Ele decidiu que a do Cenáculo compreendesse um dia, ao mesmo tempo que a

última de suas Irmãs, que ela se chamaria dall por diante “Religiosa do Cenáculo”.

Uma fundadora é cercada de veneração geral. Ele decidiu que ela passasse despercebida” (P. Henry Perroy, s.j. em **A Lição dos Lábios Selados, panegírico por ocasião da Beatificação — Roma, 4 de novembro de 1951**).

A manifesta vontade de Deus é, para os que o amam, alegria e paz.

“Amemos a vontade de Deus em tudo e sempre”, costumava lembrar Madre Teresa, acrescentando: “desejemos muito o Espírito Santo. Onde reina o Espírito de Deus reina também a santidade. É Ele quem diz a cada um o que deve fazer para tornar-se santo. Ele fala!... Que Nosso Senhor nos comunique o Seu Espírito e tudo irá bem.”

Todos os mistérios carismáticos na Igreja são, em definitivo, serviços de amor aos irmãos (At 6, 5) e, fundamental para a coesão da comunidade, é a unidade de sentir e pensar.

Meses antes de realizar sua páscoa definitiva, e já bastante doente, a Madre Teresa responde a uma religiosa que fôra visitá-la, dizendo sem o saber, suas últimas palavras. Como essa religiosa lhe perguntasse que virtude, de preferência, suas filhas do Cenáculo deveriam praticar, disse:

Peço a Deus

- ◆ que nada façamos por ostentação
- ◆ que façamos o bem na sombra
- ◆ considerando-nos sempre como as mais pequeninas na Igreja de Deus.

Aí está a mensagem que Teresa Couderc legou a suas filhas, cujo valor perdura para a vida religiosa de hoje.

Na época do átomo e da secularização, da téonica e das viagens interplanetárias, o Espírito de Jesus Cristo continua o sêgrêdo supremo de toda santidade.

Eis a grande segurança quando tantas seguranças caem.

O Espírito a quem Teresa se entregou e nos convida a entregar-nos é o Espírito da Verdade e do Amor. O Espírito da contínua mudança. Por isso o **ENTREGAR-SE** ao Espírito é sempre de grande atualidade. Se não nos recusamos hoje, como ontem, Ele esculpirá em nós, como em todos os santos, em meio às peripécias e às exigências de nosso tempo, os traços do Filho, feliz no meio das lutas; obediente e supremamente livre; respondendo a toda provação com uma confiança ilimitada, uma unidade que nada abala e que tudo parece aprofundar. Todo para Deus e todo para os homens: resumo da vida de **TERESA COUDERC**, sêgrêdo da mais alta perfeição.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS FEITA POR *MARCELINO* *CHAMPAGNAT*

DOADO
TOTALMENTE
AO AMOR,
MARCELINO
CHAMPAGNAT
FOI O
INTERMEDIÁRIO
HUMANO
DE UMA
VONTADE
CRIADORA
QUE CHAMA
A CADA UM
POR SEU NOME

1. VIDA

Um olhar rápido e horizontal, histórico, sobre a vida de Marcelino Champagnat leva-nos à conclusão de que sua existência se desenrolou num clima profundamente divino e, ao mesmo tempo, profundamente humano. Sua vida polarizada por estas duas características, impelindo-o na direção de um Deus que o criara e escolhera e ao qual êle próprio se entregou. (Ver *Le sens de Dieu du Bienheureux Champagnat*, Benoit Socquet-Juglard, FMS, Roma, 1966)

Marcelino José Bento Champagnat foi um homem que viveu sua vocação cristã no sacerdócio e na Sociedade de Maria (Congregação dos Padres Maristas). Nasceu na França, aos 20 de maio de 1789. No dia 2 de janeiro de 1817, fundou a Congregação dos Irmãos Maristas das Escolas. Faleceu a 6 de junho de 1840 e, no domingo de Pentecostes, 29 de maio de 1955, foi beatificado pelo Papa Pio XII.

Não foi teólogo nem escritor. No entanto, foi alguém para o qual Deus era uma pessoa viva, com a qual êle se comunicava. Foi desta experiência de Deus que nasceu nêle a preocupação pelos homens. É desta experiência de Deus que vamos falar.

Um de seus discípulos, o Irmão João Batista, colecionou cuidadosamente, seus ensinamentos numerosíssimos, dados sobre sua vida, a vida dos primeiros irmãos e os primórdios da Congregação, reunindo-os em diversos livros. Dois dêstes livros merecem citação: *Vie de Marcellin Joseph Benoit Champagnat*, Desclée, Paris, 1931, e *Biographies de quelques Frères*, Emmanuel Vitte, Paris, 1924. Aqui citaremos apenas: Vida e Biografias, referindo-nos a êstes livros.

2. SENTIDO DE DEUS

2.1. Sentido da transcendência divina. O sentido de Deus é o

elemento no qual o Padre Champagnat se move e fora do qual não consegue viver. Criado por Deus, é para Deus que ele se orienta, como para seu termo vital. Deus é a finalidade de sua vida. Mas, Deus é, também, o santo, o ser transcendente e todo-poderoso que, pela boca de Isaías, diz-nos: **Sou sempre o mesmo. O primeiro. Sou também o último.** Is 48,12. E por João: **Eu sou o alfa e o ômega,** Apc 1, 8.

O Padre Champagnat viverá pois numa atmosfera de respeito e dependência.

Respeito pelos lugares santos, pelos objetos reservados ao culto, por tudo que se refere ao serviço de Deus. Vida de silêncio e de recolhimento, como meios de educação e de expressão do sentido cristão de Deus. Respeito pela palavra e pelo nome de Deus. Respeito pelas crianças "filhas de Deus, membros de Jesus Cristo e templos do Espírito Santo." Temor de Deus, decorrência de seus sentimentos de pequenez diante do Senhor. Oração que testemunha a santidade de Deus, a quem é dirigida.

Prostração interior, sacrifício total de si a Deus, imolação incessante pela grandeza de Deus, através do combate às paixões: verdadeiro sacrifício espiritual. Humildade, pobreza efetiva e pobreza de espírito. A Deus pertence toda a glória. Foi ele quem tudo fez. (**Vida, pág. 444**). Dependência em relação a Deus. Um Deus criador e uma criatura dependente, eis a relação experimentada por Champagnat. "É preciso que nos salvemos, mas que nos salvemos para Deus" (**Vida, pág. 321**).

Deus, em primeiro lugar. Deus, pólo de atração de sua vida e de sua atividade. Obediência a Deus como Senhor e Pai. Cumprimento da vontade divina. Confiança, antes de tudo, em Deus. "Deus é tão rico" (**Vida, pág. 356**). Confiança ilimitada, geradora de perseverança e intrepidez.

É sua fé inabalável que explica este sentimento de Deus. Champagnat tem consciência da presença de Deus em sua vida.

2.2 Senso da onipresença divina. A fé de Marcelino Champagnat num Deus transcendente preserva-o do perigo do antropomorfismo. Existe nele uma acentuação mais forte sobre a transcendência do que sobre a imanência divina. No entanto, a imanência divina possui uma nota característica: concretiza-se nele pelo sentido da presença divina e pelo exercício desta mesma perseverança.

Para Marcelino Champagnat, a presença de Deus é **presença universal**. Seu exercício da presença divina consiste em "crer de uma fé viva e atual que o Senhor está universalmente

presente, enchendo o universo de sua imensidade, de obras de sua bondade, de sua misericórdia e de sua glória," (**Vida, pág. 361**). É **presença santa**, como antinomia de pecado. É **presença santificadora**. Meio de perfeição. "Deus me vê" fórmula habitual de manifestar sua fé nesta onipresença divina.

A fé nesta onipresença divina se desenvolve, na medida em que o cristão toma mais consciência de sua filiação divina.

Marcelino Champagnat tem consciência desta imanência divina no homem. Provam-no: * Seu respeito pelos educandos. * Sua capacidade de entrar em si, de dirigir-se a Deus como uma pessoa presente e viva. * Sua insistência sobre o exercício da presença de Deus. "Exercício que preferia a todos os outros e para o qual sentia extraordinária atração," (**Vida, pág. 359**).

Conseqüências: Unidade, simplicidade e força de vida; convergência para um mesmo fim: um Deus onipresente.

2.3 Sentido da Providência divina. O sentido cristão de Deus traduz-se, em Marcelino Champagnat, por um sentido teológico, esclarecido pela fé, sustentado pela esperança da beatitude do homem na possessão de Deus. Esta esperança manifesta-se pela confiança em Deus e pelo abandono em sua providência, o que é possessão antecipada de Deus.

— Quem é este Deus no qual o Padre Champagnat espera?

Um Deus **bom e misericordioso**. Dizia ele a um de seus religiosos: "Não é possível que Deus o abandone, se você confiar nele. Esta confiança em sua bondade deve ser tanto maior quanto mais impotente você se sentir," (**Vida, pág. 339**). Um Deus **todo-poderoso**. "Não é verdade que tudo em nossa congregação é obra de Deus?" (**Vida, pág. 267**). Um Deus **fiel**. Um Deus **exigente**, de uma exigência, fruto de amor infinito. um Deus **dos salmos**. A força de Deus é a sua força. Por que temer? "Quem dirige os acontecimentos e os orienta para sua glória e para o bem dos eleitos é Deus," (**Vida, pág. 210**). Um Deus **de paz**. "Basta a presença divina para restabelecer a ordem e a paz," (**Vida, pág. 365**).

Afirmando a necessidade do esforço humano, em tudo, o Padre Champagnat afirma, mais fortemente, a Providência divina. O versículo primeiro do salmo 129, sempre foi sua inspiração: Se o Senhor não edificar a casa...

3. SENTIDO DE DEUS FEITO HOMEM

Faltaria algo sobre Marcelino Champagnat, se nos limitássemos ao exposto. Um Deus oni-

presente, um Deus que dirige tôdas as coisas, um Deus transcendente pode ser atingido por um simples filósofo. A revelação não é necessária para tanto. Nem a Igreja. Nem o batismo. Voltemos nosso olhar para Cristo, Verbo de Deus, feito homem.

3.1 Sentido da encarnação. O Padre Champagnat era sensibilíssimo ao mistério da proximidade de Deus, à sua inserção no mundo, pela humanidade tomada da Virgem Maria. Afinidade entre Champagnat e o Verbo encarnado. Champagnat era eminentemente prático, realista. Uma vez que Deus veio ao mundo para nos encontrar e salvar, o cristão não precisa deixar o mundo para encontrar-se com seu Deus. Ele sabe que a história humana está impregnada de encarnação e de divino. Tudo o que é humano pode tornar-se cristão. O cristão precisa fugir tão somente do pecado.

3.1.2 Sentido de um Deus que é amor. O sentido de Deus para o cristão não consiste apenas na transcendência metafísica. É também o sentido deste amor que tornou Deus tão próximo de nós. O Padre Champagnat crê que Deus é amor. Ele vive deste conhecimento que sua fé lhe dá. Insiste sobre os três grandes pregadores do amor de Deus: ♦ A Virgem Maria, Encarnação. ♦ O crucifixo, Redenção. ♦ O campanário, Eucaristia, (**Biografias, páginas 19 e 20**). Quer que seus Irmãos sejam assíduos ao presépio (Encarnação), à cruz (Redenção) e ao altar (Eucaristia).

Apesar de viver em ambiente impregnado de jansenismo, não se deixa contagiar. Resume tôda a vida cristã e tôda a vida marista na devoção a Nosso Senhor. Conhecer e amar o Senhor. É nisto que consiste tôda a virtude e tôda a santidade. Sua espiritualidade é profundamente cristocêntrica. Por isso insiste no papel da Virgem Maria e da Igreja, como mediações.

3.1.3 Sentido dos intermediários. O Padre Champagnat tinha o sentido dos intermediários, aspecto da pedagogia divina que preparou o gênero humano para a recepção do Verbo Encarnado. Estas são as mediações do Padre Champagnat: ♦ **Jesus Cristo.** Direção, caminho, orientação.

— Vejam Jesus Menino no presépio. Ele nos estende seus braços e nos convida a irmos a ele. Ele se fez criança para cativar nossos corações e para nos despojar de todo o medo. Vamos a ele pelos mesmos caminhos que seguiu para vir até nós, isto é, pela vida da humildade e da mortificação, (**Vida, pág. 368**).

♦ **A Virgem Maria.** Pelo fato de sua espiritualidade ser cristocêntrica, Maria ocupa lu-

gar privilegiado nela. Maria, caminho para se chegar a Jesus. Sua divisa: "Tudo a Jesus por Maria. Tudo a Maria por Jesus." "Maria meio de servir e amar a Jesus," (**Vida, pág. 385**). Insiste no papel de Maria, sobretudo, como medianeira. Influência da escola sulpiciano, de Bérulle, de Condre, de Ollier, contrariando a mentalidade jansenista e protestante, tão em voga em seu tempo.

♦ **Igreja.** Fora da qual não há salvação. Onde, intermediário indispensável. Igreja e Cristianismo são o lugar de encontro de Cristo-Pessoa.

3.2 O sentido da encarnação. O pecado, mal de Deus. É o amor de Deus que dá à encarnação seu sentido verdadeiro e que o Padre Champagnat captou de modo tão extraordinário. O Verbo de Deus veio apagar o pecado e restabelecer os laços de amizade do homem com Deus. Na ordem histórica atual, ele é Redentor. E como o amor exige amor, amar tornou-se mandamento. O amor-caridade é a força que une o homem a Deus, enquanto que o pecado é a força que o separa de Deus. Para Champagnat, o pecado é o mal de Deus e o mal do homem. Mas, antes de tudo, o pecado é o mal de Deus.

O grande amor de que era animado por Deus, fez brotar em seu coração o horror pelo pecado, ofensa a Deus. "Não devemos fugir do pecado tanto pelos males que causa, mas sobretudo, pelo fato de desagradar a Deus e de ter sido a causa dos sofrimentos e da morte do Senhor Jesus," (**Vida, pág. 463**).

3.2.1 O pecado, mal do homem. O pecado determinou em nós uma tendência a nos tornarmos como fim de tudo. O sentido original de Deus ficou invertido. O pecado é o mal de Deus e o mal do homem. Precisa ser destruído em nós e nos outros. É o que Champagnat compreendeu. **Destruição do pecado em si.** Pela orientação de suas tendências para Deus. Champagnat tomou os meios adequados: renúncia, mortificação. Não há remissão de pecado sem efusão de sangue. Não há redenção sem paixão. **Destruição do pecado nos outros.** ♦ Pela inspiração do sentido de Deus. ♦ Pela inspiração do horror ao pecado. ♦ Pela apresentação da penitência como sacramento de reconciliação.

4. SENTIDO DE DEUS E SERVIÇO DO PRÓXIMO

Em uma consciência religiosa, a qualidade do olhar dirigido para Deus constitui a qualidade do olhar voltado para o mundo. O Padre Champagnat penetra o sentido do amor divino, que se manifesta em Cristo, como uma inquietude de salvação do mundo. Atinge o sentido

da encarnação redentora. Não apenas atinge a inquietude de Cristo, mas dela participa. Ele possui uma consciência eminentemente religiosa.

Seu olhar sobre Deus prolonga-se em **atitudes diante do pecado do mundo**. Quantas vezes fala de salvação eterna! Em **solidariedade**. Seu teocentrismo está voltado para um Deus Pessoal. Um Deus que, em relação a nós, definiu-se como amor, como preocupação pela salvação de todos os homens. Em **fundação de um Instituto religioso**, dedicado à educação cristã da infância e da juventude. Em **interêsse por todos os homens**, especialmente, pobres, marginalizados, fracos, desafortunados, órfãos. Em **sensibilidade**. Diante da pobreza espiritual de seus contemporâneos. Foi diante desta pobreza que ele se decidiu a fundar o seu Instituto.

CONCLUSÃO

Não se demonstra a experiência de Deus feita pelo Padre Champagnat. A gente apenas a constata. Vimos que o Padre Champagnat era animado pelo sentido de Deus transcendente e Pai; Verbo Encarnado; amor de Deus pelos homens; amor do homem para com Deus; amor do homem pelo homem.

— Era ele animado pelo sentido do Espírito Santo?

— O sentido de pecado de que estava penetrado, o sentido da mediação de Maria, esposa do Espírito Santo, indicam a marca do espírito

de Deus nele. Sua fé em Deus e consciência de que Deus é o fim do homem, seu amor por Deus e pelos homens são os princípios diretivos de sua vocação apostólica e contemplativa, do qual ele exprime os dois pólos de modo tão expressivo: "Ver Deus ofendido e os homens se perderem são duas coisas que me fazem sangrar o coração", (Vida, pág. 460).

A casa paterna, os seminários, o Seminário de Saint Sulpice incutiram-lhe o espírito de Deus. Foi aí que ele sugou os germens das virtudes que praticou de modo tão heróico. O sentido de Deus encontrou em Marcelino Champagnat seu pleno desenvolvimento e espalhou-se pelo universo, através do Instituto dos Irmãos Maristas, nascido do encontro de Deus com um jovem sacerdote.

Sua experiência pessoal de Deus foi, justamente, a razão de ser desta instituição de religiosos educadores, pois, foi em Deus, que ele bebeu este amor sobrenatural pelos homens. Ora, o amor tem força unitiva. Foi a isto justamente que o Padre Champagnat chegou: à constituição de um quadro, a escola cristã, no qual os homens descobrem mais facilmente a possibilidade de encontrarem a Deus e de lhe responderem, de se encontrarem e de se amarem. Mais do que a criação de um Instituto, é a própria vocação de cada Irmão Marista que descobre na experiência de Deus feita pelo fundador, uma de suas causas segundas mais importantes. Dado totalmente ao Amor, Marcelino Champagnat foi o intermediário humano de uma vontade criadora que chama a cada um por seu nome.



Senhor, à vista dos povos mostrastes a vossa santidade em nós, assim também, à nossa vista mostrai o vosso valor nêles, a fim de que conheçam também eles, como o reconhecemos nós, que não há Deus fora de vós. Livro do Eclesiástico, 36,2.

PASTORAL DE MEDIAÇÃO OU PASTORAL DE COMPROMISSO?

É na dimensão social que a pessoa humana se apresenta como agente da História, lugar-tenente de Deus, no domínio das forças naturais a serem colocadas a serviço do homem. Numa sociedade como a nossa contemporânea, em que é grande a força do poder político, juntamente com o econômico, é ingenuidade querer conservar uma atitude neutra ou equidistante frente a uma determinada situação sócio-política, através de gestos que, de uma ou outra maneira, repercutem, quer afirmativa quer negativamente, sobre tais situações.

Se o Cristianismo é, antes de tudo, uma vivência da presença e ação de Deus no processo histórico, será necessário passar de uma pastoral de mediação para uma pastoral de compromisso, sem o que, a pastoral deixará o Evangelho fora da História, à margem dos acontecimentos.

ROSA JIMENEZ, ODN

A EXPERIÊNCIA DE DEUS EM SANTA JOANA DE LESTONNAC

O zelo pela propagação da Fé, a valorização da Vida Religiosa como missão dentro da Igreja e um amor profundo e dinâmico a Nossa Senhora, foram, na vida de Joana de Lestonnac, três linhas que se entrelaçaram para constituir sua vocação.

Aos 50 anos, depois de ter refletido longamente sobre os caminhos do Senhor e sobre as experiências anteriores, apresentou-se diante de seu Bispo, o cardeal Francisco de Sourdis, para pedir-lhe que aprovasse e apresentasse, em Roma, o projeto de uma nova Ordem dentro da Igreja, resumindo em poucas palavras o que desejava:

"Excelência, a glória da Santíssima Virgem, a honra do estado religioso e a propagação da Fé católica, são os motivos que se fundem no projeto que Deus me inspirou e constituem toda a minha vocação" (H.O. 68).

Como é que foi chegando, através de sua vida, a esta consciência clara de seu próprio carisma? . . . Qual foi a sua experiência de Deus dentro de uma história tão rica como a sua, ao longo de uns caminhos que pareciam contraditórios, até chegar a realizar uma síntese Evangélica, sob o enfoque original, que abriria a partir de então novos rumos para a Vida Religiosa feminina? . . .

Quem reflete sobre a história sempre tem medo de empanar a luz ao fazê-la passar através do próprio prisma. Quem tenta comentar a experiência do amor divino num santo, resigna-se de antemão a perder o melhor e o mais profundo da experiência para dar somente umas pinceladas cinzentas e infelizes sobre um acontecimento que nem se repete, nem é possível comunicar. No entanto, vamos refletir e comentar, porque talvez, alguém receba, da pobreza das palavras, a graça de poder entender mais profundamente e de alegrar-se com as obras do Senhor naqueles nossos irmãos que se deixaram trabalhar pelo amor de Cristo.

A vida de cada homem é um acontecimento profundamente marcado por seu tempo, por seu ambiente, por sua cultura. Deus sai ao encontro de cada um em um lugar e em uma época determinada. A experiência de Deus está condicionada pela própria história e, ao mesmo tempo, exerce uma influência no conjunto da História da Salvação que está sendo construída dia a dia sob a ação do Espírito.

Por isso, ao procurar descobrir a experiência religiosa de Joana de Lestonnac, torna-se necessário fazer alusão à sua pátria, à sua família, aos problemas da Igreja e da sociedade em que ela viveu.

Sua pátria era a França. Sua cidade natal, Bordéus. Sua época, um século de lutas e violências, fortemente marcado pelo problema da Fé: 1556-1640. Guerras de Religião, nas quais católicos e calvinistas se combatiam com todos os tipos de armas.

Ela passou a infância e juventude num lar que refletia profundamente esse problema. O pai, Ricardo de Lestonnac, membro do Parlamento de Bordéus, conservou com pertinácia a Fé católica. Convicção ou tradição? ... De qualquer forma, não permitiu que seus filhos fôssem oficialmente educados no Calvinismo. Joana foi batizada na Igreja católica e seguia, em casa, as lições do catecismo que um de seus irmãos estava aprendendo com os jesuítas recém-chegados à cidade. Mas nem tudo era fácil. Sua mãe, Joana Eyquem de Montaigne (irmã do conhecido Michel de Montaigne, que passou para a história da Filosofia) havia aderido ao Calvinismo, com o ardor e a firmeza próprios de sua família. Era uma mulher inteligente e culta, educada num ambiente humanista. Sua influência devia ser grande dentro do lar e entre a sociedade feminina de seu tempo. Quis educar sua filha mais velha segundo princípios da Reforma, e utilizou para isto toda a sua arte de mulher e de mãe.

Dentro deste ambiente, o problema da Fé marcou a existência de Joana de Lestonnac desde seu despertar para uma vida consciente.

A Fé foi sua maior luta e sua melhor vitória. Foi o primeiro lugar de encontro com o Deus transcendente. Foi uma opção clara, firme, adulta, feita no tempo de sua adolescência, com a seriedade e a decisão de quem supera uma crise profunda e está disposta a enfrentar todos os riscos.

Enfrentou, a partir de então, a frieza e a repulsa de sua mãe.

Enfrentou a angústia de sentir como as mulheres de seu tempo, adormecidas na ignorância religiosa, seduzidas pela nova moda ou impulsionadas por um zelo equívoco, acolhiam a doutrina dos Reformadores, sem saber superar, na Fé, o escândalo de uma Igreja católica demasiado lenta em sua verdadeira Reforma.

Enfrentou o sofrimento de presenciar a ruína da Vida Religiosa, e foi especialmente sensível a esta ferida da Igreja da França. Ela que tinha um temperamento ardente e uma inteligência clara e aguda ... ela que recebeu do Senhor o desejo apaixonado de viver o Evangelho até as suas últimas conseqüências, compreendeu até que ponto a Vida Religiosa é essencial na Igreja, e mediu a importância do golpe que dava a Reforma, desvalorizando este estado de vida. Ao seu redor, os conventos da França iam ficando vazios, ou assimilando as correntes calvinistas. A vida de religiosos e religiosas era o maior escândalo para os católicos. Através dos Pirineus, Joana ouvia os ecos da Espanha que se

admirava diante do zêlo de uma mulher — Teresa de Jesus — e desejava ardentemente que surgisse, também na França, uma reformadora como aquela.

Enfrentou, a partir de sua Fé, um nôvo sofrimento: o de ver o culto de Nossa Senhora, a Mãe da Paz e do Amor, se convertia em bandeira de discórdia e de ódio entre os irmãos.

A profanação de igrejas e de imagens, os insultos à sua pessoa, a cegueira diante da grandeza de sua missão, eram a manifestação de uma doutrina calvinista detida na superfície das coisas, reagindo contra o escândalo católico mas sem chegar a penetrar na profundidade do Mistério Cristão. Joana, que na experiência de sua Fé, chegou ao coração dêste mistério e encontrou a serena convicção de que Cristo, Maria e a Igreja são "um todo inseparável" deve ter sofrido com a cegueira de tantos irmãos seus.



O primeiro encontro com Deus foi para Joana uma experiência única que se abriu em três dimensões. Foi o despertar de um zêlo apostólico que queria cultivar três campos: a Fé, a Vida Religiosa e o amor a Nossa Senhora. As três linhas se uniam e se sustentavam num só ponto: uma compreensão do Mistério da Salvação e o desejo de colaborar com Cristo na obra redentora, cumprindo sua missão de **mulher**.

Tudo estava, no princípio, muito obscuro. Ela era uma jovem como tôdas, uma jovem que lutava entre as exigências de Deus e as do amor próprio. Sòmente o passar dos anos e a atenção constante, em sua vida, aos movimentos do Espírito, possibilitar-lhe-iam clarificar esta experiência e ir delineando os traços de sua vocação específica: uma vocação tão forte, tão determinada e tão necessária na Igreja de seu tempo, que constituiu um carisma fundacional, originando uma nova Ordem Religiosa.

Em sua juventude, tudo estava ainda indeterminado. Sòmente uma coisa aparecia clara em Joana de Lestonnac: o desejo ardente do maior serviço de Deus. Aqui situam os biógrafos a primeira experiência do amor divino que marcou sua vida:

"Um dia, agitada por êstes pensamentos, sentiu-se invadida pelo impulso do Espírito que operava nela. Na presença de Deus abriu seu coração com simplicidade e inteiro abandono . . . e ofereceu-lhe o sacrifício de sua inteira liberdade.

Senhor — orou — fazei que realize o que desejais de mim, no estado em que melhor possa servir-vos. Plenificai os desejos que me inspirais e que me movem a honrar-vos como merece vossa grandeza.

. . . e no fundo de sua alma ouviu a voz de Deus: "Tem cuidado, minha filha, de não deixar apagar nunca o fogo sagrado que acendi em teu coração e que te move com tanto ardor a servir-me." (H.O. 47).

* * *

Ela era bela, inteligente, elegante e rica. Iniciada, desde pequena numa intensa vida social. Seu tio Michel gostava de con-

versar com ela e não sabia definir se o que mais ressaltava nela era a beleza de seu corpo ou a de seu espírito.

Numa natureza tão rica como a sua, tôdas as experiências encontravam um eco profundo. Apaixonada por temperamento, sabia vibrar intensamente e transformar a realidade que a rodeava, por meio de uma ação eficaz e bem pensada. Deus entrava em sua vida com umas exigências tenazes, com um chamado persistente à generosidade total. Ela ia-lhe ao encontro com um senso comum apoiado numa Fé pouco comum.

Nasceu-lhe, na adolescência, aquêle desejo surdo e indeterminado de ser religiosa. Teresa de Jesus a fascinava pelo zêlo reformador e pela coragem de mulher. No entanto, não se deixou enganar pelos sonhos. A Vida Religiosa na França atravessava uma crise profunda sob os embates do Calvinismo.

Era mais fácil para uma mulher católica conservar sua Fé dentro de um matrimônio cristão que num convento relaxado e escandaloso.

Ricardo de Lestonnac, que continuava velando pela ortodoxia de sua família contratou o casamento de sua filha com Gaston de Montferrant. Joana entrou, assim, numa das famílias nobres mais antigas da Guyenne, e teve oportunidade de enriquecer-se com 24 anos de vida matrimonial e de govêrno como Baronesa de Landiras.

Durante êstes anos o Senhor a foi trabalhando pacientemente: uma maternidade fecunda, na qual se alternaram a alegria e a dor (viu morrer três de seus filhos e crescer junto dela outros quatro); uma vida de sociedade intensa que no entanto, nunca a impediu de ocupar-se com os pobres e os doentes; um matrimônio feliz, vivido no amor, que foi cortado pela morte de Gaston quando ela tinha 41 anos.

Com a viuvez, uma nova etapa. Mais seis anos de reflexão, numa vida totalmente entregue a seus filhos e às necessidades dos que a rodeavam. Seis anos de Fé e de paciência, sem esquecer aquela palavra do Senhor em sua juventude: "Não permitas que se apague êsse fogo..." e enquanto isto, a Vida Religiosa da França ressurgia nos Mosteiros contemplativos, por caminhos de reformas austeras e rigorosas, tornando novamente possível a realização de uma vida de Fé totalmente consagrada ao louvor divino.

Deus continuava exigindo a entrega absoluta para o maior serviço. Joana esperava, pensava, procurava em sua vida novos rumos para dar-se a Deus e aos homens: oração, obras de misericórdia, fidelidade em seus deveres, penitência e austeridade de vida... "Não é só isto, não é só isto" — pensava ela — "É preciso renunciar a si mesmo". (H.O.). E decidiu-se afinal. Quando seus filhos já não necessitavam dela (duas filhas eram já religiosas, seu filho estava casado e cuidaria da menor que tinha 12 anos), pensou em consagrar-se totalmente na Vida Religiosa.

Tinha 47 anos quando entrou no Mosteiro das Fulienses de Tolosa. Ali o Senhor a esperava para um nôvo encontro. E não foi o encontro de um amor que já pode descansar no término de uma busca. Foi o encontro da pobreza total, da Fé mais obscura, do nôvo ponto de partida no meio da noite... Porque nos planos de Deus, os seis meses de noviciado em Cister não era senão uma etapa de preparação, mas nos planos dela não entrava aquela surpresa dolorosa e desconcertante.

Apareceram suas primeiras inquietudes apostólicas. Aquêle fogo profundo de sua alma que queria acender a Fé em todos os

homens. Ela, havia renunciado a ser apóstolo da Palavra para entregar-se ao apostolado indireto de uma vida que se queima no amor, na oração e no sacrifício. Mas... não seria possível uma Vida Religiosa que procurasse ao mesmo tempo esta entrega de amor a Deus e aos irmãos? ...

Ainda não existiam religiosas apostólicas. As mulheres que queriam dedicar-se ao serviço de Deus na Igreja, só podiam escolher entre dois caminhos: vida religiosa contemplativa ou vida apostólica secular. Quando muito, uma forma de vida apostólica semi-religiosa como as Ursulinas de Milão a quem São Carlos Borromeu havia dado uma legislação especial.

E Joana de Lestonnac tinha consciência clara de sua vocação religiosa. Reconhecia o valor do estado religioso na Igreja como consagração de um testemunho de transcendência. Sabia que esta vida, além de dar êste testemunho fundamental, podia ser a fonte mais fecunda de uma ação apostólica. Não era justamente isto que estavam demonstrando as Ordens masculinas dedicadas ao apostolado? ... Não estava ali a Companhia de Jesus, radicando e alimentando tôda a sua impetuosidade apostólica numa vida consagrada ao seguimento de Cristo em tôdas as características da Vida Religiosa? ... Se isto acontecia assim com os homens, por que não podia dar-se também com as mulheres? ...



Tôdas aquelas idéias a assaltavam de um modo não muito claro. Intuíra que isto devia ser assim, mas... por que complicar a vida? ... Por que não encontrar a paz naquela vida de imolação por amor? ... Não seria seu temperamento empreendedor e orgulhoso que estaria semeando estas inquietudes e não existiria o perigo de infidelidade à sua vocação religiosa? ...

Depois foi seu corpo que começou a render-se. Com 47 anos de idade, não acostumada a uma vida de austeridade, não era capaz de resistir de repente diante de tôdas as penitências corporais que a regra reformada mandava. E Joana pensava em outras mulheres que também desejariam entregar sua vida ao serviço da Igreja, mas cuja saúde não poderia agüentar uma vida tão dura.

A penitência, a inquietude de suas aspirações que não conseguia discernir, a força de vontade para manter-se fiel à vida que havia abraçado, a foram adoecendo. Os superiores, de acôrdo com o médico, fizeram-lhe compreender que não poderia professar no Mosteiro.

Chegou a hora do despojamento total... Sair de nôvo e recommear os caminhos com aquela inquietude no coração. Aonde iria buscar um Deus tão difícil que parecia brincar com sua vida como se não quisesse mais acabar de realizar o encontro? ...

Na Espanha, um grande amigo de Teresa de Jesus, havia descrito, poeticamente, alguns anos antes, a angústia dêste momento:

**"... como el ciervo húlste
habiendome herido;
salí tras tí clamando y eras ido"**

Para Joana não era a alma somente que saía em busca de um Deus fugidio ou escondido por meio de uma experiência mís-

tica. Era sua vida inteira que, mais uma vez, se punha a caminho e de um modo existencial, comprometendo seu presente e seu futuro. "Sai de tua terra . . . e vem para o país que te mostrarei . . ."

Naquela noite, em sua cela, em Cister, rezava na pobreza mais absoluta. Estava consciente de que o sacrifício era maior ainda que aquele realizado seis meses antes, quando teve que arrancar-se de seus filhos que não a deixavam sair. Rezava e chorava duvidando de tudo, menos do amor de Cristo que a conduzia na noite:

"Devo abandonar a casa para onde Vós mesmo me trouxestes? Tôdas as batalhas que ganhei, com o auxílio da vossa graça, contra os meus, contra o mundo, contra mim mesma, não me serviram senão para sucumbir sob o peso desta desgraça. Errava, Deus meu, ao pensar que seguia vossas ordens, ou tendes por acaso, outros planos sôbre mim? . . . Se saio desta casa, aonde irei buscar-Vos? Não Vos pude encontrar em minha juventude, entre as turbulências da heresia, não Vos pude possuir depois no meio das glórias do mundo. Como é surpreendente e doloroso para mim não poder gozar de Vós nem sequer na solidão . . .

Falai, Senhor, Vós que podeis fixar num instante meus pensamentos e meus passos no caminho que desejais . . . E se fôr preciso sair desta casa, que seja sem afastar-me nunca de Vós . . ." (H.O. 63).

E daquela oração de pobre surgiu a luz e a voz. Tôdas as dúvidas anteriores, tôdas as esperanças acumuladas e detidas durante tantos anos, tôdas as experiências de sua vida tomaram forma repentinamente, como se alguém mais forte que ela, as tivesse ordenado em sua mente de um modo claro e preciso. Sob esta luz viu confirmada uma missão, temida e esperada: a missão de colaborar na obra redentora de Cristo por um caminho até então desconhecido para a mulher. Seria religiosa e seria apóstolo, para levar a Fé às jovens da França, que, como sucedera com ela em outros tempos, lutavam entre as dúvidas do Calvinismo. De uma vida consagrada totalmente ao amor e ao seguimento de Cristo, brotaria a ação apostólica, como em Maria, Rainha dos Apóstolos. Seria isso, simplesmente: religiosa apóstolo, à imitação de Nossa Senhora.

Com aquela graça de iluminação, chegaram a paz, a fôrça e a saúde. Saiu do Mosteiro disposta, como sempre, a enfrentar a realidade com uma fortaleza muito própria de seu temperamento.

Passou ainda um ano de silêncio e de espera, enquanto acabava de discernir os caminhos do Senhor em sua alma. Retirou-se para uma casa de campo, dentro da Baronía de Landiras. Viveu ali uma espécie de vida religiosa sem separar-se do mundo, sem perder o contato com as pessoas que queria Evangelizar, como se o Senhor quisesse dar-lhe numa última etapa, antes de iniciar sua missão de fundadora, a experiência da vida apostólica que ia começar:

"A sós com Deus, a baronesa revia sua vida uma vez e outra, perguntando-se o que devia fazer no futuro. Meditava sôbre as moções da graça nas horas vividas em Cister e as que estava recebendo atualmente em seu retiro na Mothe. Comparava-as, admirando-se com a obra operada

por Deus em sua alma. Compreendeu que Deus a havia levado para a solidão de Cister para fazê-la fugir do mundo, e agora a havia impulsionado a buscar o retiro da Mothe para dar-lhe a entender que devia aproximar-se deste mesmo mundo e santificá-lo. Não devia viver somente para si, mas para os outros. Depois de haver gozado das doçuras da vida contemplativa, Deus fazia-lhe sentir intensamente os males de sua época para despertar em sua alma a vocação de apóstolo. Seu ideal ia concretizando-se cada vez mais. Pressentia que havia chegado a hora de realizá-lo. Olhou para a Santíssima Virgem, modelo da vida escondida e apostólica que devia organizar para a salvação das almas e, apoiada em sua proteção, sentiu crescer sua coragem para pôr mãos à obra." (H.O.66-67)

A partir de então, tudo começou a andar por novos rumos. Havia chegado a hora... e a experiência de Deus em Joana de Lestonnac tomou também novos matizes. A Fé e a Esperança, todo o dinamismo de sua vida cristã, estavam polarizados e orientados pelo zelo apostólico, sem ter encontrado, no entanto, até aqui, os caminhos adequados para expressá-lo com toda a força de que era capaz. Antes era um zelo contido; um fogo que Deus acendeu nela e que ela não devia deixar apagar. Agora o zelo transbordava. A fortaleza, que até então tinha sido para ela a virtude da constância na busca e na espera, transformou-se na virtude da ação, capaz de superar todos os obstáculos. A oração, mais do que nunca, é agora a assimilação a Cristo redentor e a Maria, Mãe da Igreja e primeiro Apóstolo do Reino.

Tudo respirava já maturidade e plenitude em Joana de Lestonnac. Aos 51 anos, trabalhada pela graça do Senhor, era a mulher capaz de dar forma a uma nova Ordem e de encarar em sua própria vida, o Espírito de seu Instituto.



O enfoque do Evangelho que nascia de sua própria experiência, coincidia fundamentalmente com a experiência de Inácio de Loyola, que originou a Companhia de Jesus. Os dois contemplavam a obra da salvação realizada em Cristo e queriam entrar neste dinamismo como apóstolos de vanguarda... Em Joana de Lestonnac havia um matiz característico, nascido de sua própria condição de mulher: ela e suas companheiras entrariam na obra da salvação "à imitação de Nossa Senhora"... tratando de seguir seu estilo... matizando todas as riquezas de interioridade, de entrega e acolhida, próprios de um coração de esposa e de mãe.

Por isso, a oblação total da Vida Religiosa, com tudo o que contém de intimidade divina e de disponibilidade para o serviço, era essencial na vocação apostólica de Joana. Por isso, Maria era "molde" de sua própria vida e a síntese do Instituto que devia nascer: Companhia de Maria. Por isso, o espírito apostólico da Ordem seria modelado sobre o Espírito da Companhia de Jesus.

Seguiram-se anos de trabalho e de sofrimento. A vida de Joana de Lestonnac fundiu-se e confundiu-se com a vida nascente de sua Companhia. Dificuldades, pobreza, fundações e rápida extensão da Ordem. Governo de uma família que crescia e se es-

palhava pela França sem perder o contato com Bordéus e com a fundadora. Contradições e desgostos, traições dos amigos, incompreensões dentro de sua própria casa. A um longo período de um govêrno eficaz e inteligente, sucederam-se anos de silêncio e de humilhação.

Deus continuava crescendo em sua vida. Sua experiência fundamental de estar colaborando na salvação dos homens, seus irmãos, levava-a a uma ação na qual punha todo o seu ser. Com a mesma generosidade, com a mesma dedicação, com o mesmo entusiasmo, entregava-se à fundação de uma nova casa, ou ensinava àquelas meninas menores e menos dotadas da escola. Sabia que nada era pequeno na História da Salvação. Sabia que é o amor que redime o mundo e amava incansavelmente. E se alguma vez sentia a tentação de deixar de amar, de descansar no serviço do Reino, a figura de Maria surgia diante dela com nova fôrça, e seu exemplo a animava a prosseguir no caminho.

E nesta atitude de serviço, a 2 de fevereiro de 1640 acabou-se-lhe o tempo. Seus 84 anos não foram capazes de apagar o fogo que Deus acendera nela um dia. Aumentaram-no. E como o tempo e o espaço eram demasiado estreitos para contê-lo, deixou que Cristo a vestisse com a sua Ressurreição e desapareceu do nosso mundo.

Suponho que sua experiência de Deus culminaria naquele momento . . .

Aí ficam os traços cinzentos que anunciei, porque, quem pode entender e descrever a vida que estava no seio do Pai?

* * *

Joana de Lestonnac passou por aqui para anunciar-nos, como muitos outros fizeram, que Cristo ressuscitou. Já o fêz com sua vida de fé e de serviço. Convidou-nos para que também o anunciássemos assim. Em resumo, ela foi um passo a mais, dentro do tempo, para fazer chegar aos irmãos a salvação do Senhor. Depois dela o mundo ficou um pouco mais belo porque algumas centenas de pessoas (e milhares se pensamos na obra que ela deixou) aprenderam a amar e a servir aos outros. Ela foi um passo a mais, na história, para prolongar o SIM da Humanidade, que Maria começou a pronunciar no dia da Encarnação.

Quem foi capaz de ler estas páginas com profundidade, cante com ela aquêle grito de júbilo de Nossa Senhora: "Minha alma engrandece o Senhor . . . porque olhou a pequenez de sua serva."



ENCONTRAMOS O SENHOR

Um dos problemas que mais preocupa os responsáveis pela catequese é a formação dos catequistas. Muitos de nossos catequistas leigos possuem a melhor boa vontade mas gostariam de ter melhor e mais rica formação para exercerem sua missão. A Editôra Vozes acaba de lançar **ENCONTRAMOS O SENHOR** um manual de formação dos catequistas que oferece preciosas anotações didáticas, noções de psicologia das idades, idéias essenciais para o plano de aulas. **ENCONTRAMOS O SENHOR** é um livro de aprofundamento da fé para todos.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Como concebeu e viveu São Francisco a visão evangélica que animou toda sua vida, e de tal forma que entusiasmou outros a seguirem a Cristo do mesmo modo que êle?

Bergson diz que todo filósofo tem uma intuição central, a partir da qual constrói todo o seu sistema. Também de cada Santo, de cada grande líder do cristianismo, podemos dizer que teve uma idéia que o impolgou. Na vastidão de suas riquezas infindas, sabemos que o Evangelho tem impressionado a muitas almas generosas, mas não todo êle. Às vêzes, é uma simples passagem, um só fato da vida de Jesus que atrai e fascina certa alma, que se torna fundadora. Foi o que se deu com um Foucauld, por exemplo, que se empolgou com a vida pobre e humilde de Nazaré; com São Domingos que procurou imitar o Cristo-Pregador e com outros ainda que se deixaram fascinar pelo Cristo-Sacerdote, etc.

E São Francisco? Qual teria sido o fato, qual teria sido a idéia de Deus, ou a idéia-chave que o atraiu, o absorveu e o impulsionou à vivência evangélica?

É o que tentaremos mostrar neste curto artigo sobre a experiência de Deus em São Francisco. Não pretendemos esgotar o assunto, pois São Francisco é um gigante de espírito e de pensamento, que jamais pode ser plenamente compreendido e esgotado.

Podemos dizer que Francisco partiu de uma inspiração sua original, uma intuição mística da bondade infinita de Deus que se derrama sobre o mundo. Êle crê num amor efusivo universal. Esta bondade, êste amor de Deus que é Pai, se manifesta em primeiro lugar nas criaturas, e chega ao seu ponto culminante na encarnação. Portanto, São Francisco intui que Deus é Pai sumamente bom e amoroso.

I. DEUS É NOSSO PAI INFINITAMENTE BOM E AMOROSO.

Refletindo sobre a vida de São Francisco encontramos acontecimentos e vivências que nos mostram e provam êste seu conceito de Deus muito íntimo e pessoal. Logo no início de sua vocação para abandonar o mundo, quando entra em choque com seu pai, por causa do dinheiro que gastara na construção da igreja de São Damião, Francisco, perante o bispo e toda a assembléia dos que se achavam presentes, despe-se de todas as suas vestes que atira aos pés do pai, e completamente nu exclama para todos:

— Ouvi-me, todos, o que tenho a dizer: até agora chamei a Pedro Bernardone, meu Pai. Devol-

vo-lhe neste instante, o dinheiro, causa da sua perturbação, e também tôdas as minhas vestes que dêle recebi, de modo que, de hoje em diante, não chamarei nunca mais de pai a Pedro Bernardone, mas ao PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU. (1)

O gesto de Francisco é mais que significativo. Tôda sua vida depois dêste ato toma nova direção. A partir daí, sua vida é de total renúncia, de total abandono, entrega irrestrita nas mãos de Deus, seu Senhor e Pai. Fé e confiança absolutas são as atitudes fundamentais desta sua entrega, e desta nova vida.

Na carta aos fiéis, Francisco exclama:

— O' quão honroso e santo e grande é ter no céu um Pai.

A todos os irmãos ordena:

— Todos vós sois irmãos, e não quereis chamar de pai a nenhum de vós sôbre a terra, porque um só é o vosso Pai, aquêle que está no céu. (2)

Na contemplação de Deus como Pai, Francisco descobre antes de tudo a sua paternal bondade e seu amor efusivo. Francisco passa a ser então, o santo da bondade de Deus. A criatura tôda: o mundo com tudo que nêle existe, não tem outra origem e outra explicação, senão a bondade do Pai que sai de si, criando todos os seres unicamente por amor.

A bondade de Deus, o seu amor criador são a idéia-motora que faz Francisco querer viver pobre, humilde, sem outra pretensão que a de cantar esta maravilha. Intitula-se então, como trovador de Deus, ou ainda como o "arauto do grande Rei". (3) Se antes quisera ser cavaleiro de conquistas, agora quer ser o cavaleiro dedicado, generoso, zeloso, cheio de amor ao seu Senhor e Pai. Como filho enamorado das coisas do Pai, Francisco onde quer que se encontre descobre os vestígios do Pai celestial. Isso o irmanou a tôdas coisas. Era o irmão sol, a irmã lua, a irmã água, a irmã formiga que carinhosamente apanha no meio da estrada para não ser pisada; a irmã morte, etc.

Deus é Pai grande e bom. Em tôrno desta grandeza e desta bondade incomensurável do Pai êle compõe suas mais belas orações, onde procura definir a Deus como o sumo Bem, a suprema Bondade, o supremo Amor. "Vós sois o Bem, todo Bem, o sumo Bem, o Senhor Deus, vivo e verdadeiro; vós sois a Caridade, vós sois o Amor". (4) "Onipotente, Santíssimo, Altíssimo, e Soberano Deus, que sois todo Bem, o sumo Bem, a plenitude do Bem, que só vós sois bom, nós vos tributamos todo louvor, tôda glória, tôda a ação de graças, tôda a exaltação e todo bem. Assim seja! Assim seja! Amém". (5)

II. COMO SÃO FRANCISCO VIVEU ESSA VISÃO MÍSTICA DA BONDAD E DO AMOR EFUSIVO UNIVERSAL?

Francisco procura traduzir e viver concretamente na sua vida esta bondade divina pela renúncia a todos os bens da terra, por uma vida extremamente simples e humilde, onde manifesta seus sentimentos filiais mais profundos e sua fé e confiança absolutas na paternal bondade de Deus. Numa abertura sempre mais crescente de sua alma para Deus, abandona-se totalmente em suas mãos. E ainda mais: foi a partir dêste sentimento de que Deus é Pai bom e amoroso que lhe surgiu a idéia de FRATERNISMO. Ideal êste que lhe inspirou o desejo de unir todos os homens e tôdas as coisas no diálogo da amizade: irmão fogo, irmã água, irmão lobo.

Por seu abandono total, humildade profunda e confiança absoluta na grandeza e bondade do Pai, Francisco assume a POBREZA EVANGÉLICA:

◆ como sinal de disponibilidade às disposições de Deus;

◆ como atitude de despojamento de tudo aquilo que pudesse impedi-lo de servir unicamente a Deus e à Igreja;

◆ como imitação do Cristo que sendo rico se fez pobre.

Resulta também daí, para Francisco, a convicção inabalável de que Deus o guiava paternalmente. Vejamos algumas de suas atitudes que bem comprovam esta afirmação:

Quando em 1219, além de outros, veio o próprio cardeal Hugolino, protetor da Ordem, intervir para que São Francisco aceitasse ou a regra de São Bento, ou a dos agostinianos, ou a dos cistercienses, êle, "com grande fervor e unção de espírito", mas também com fé na Providência divina e com grande raiva diante daquela insistência, assim falou:

— Meus irmãos, o Senhor se dignou de chamar-me, para que eu ande pelo caminho da humildade e simplicidade. Se êle é nôvo, saibei que êle me foi ensinado pelo próprio Deus. Êle não quer que eu me afaste dêste caminho, nem eu, nem os que desejam seguir-me e imitar-me. Não seguirei outra via. Por isso, não me falem das regras de São Bento, de Santo Agostinho ou de São Bernardo. O Senhor quer que eu viva pobre e insensato segundo o mundo, e jamais me dará melhores iluminações. Quanto a vós que Deus vos confunda com vossa sabedoria e ciência, e que os executores da sua ira vos forcem a voltar à vossa vocação, se tiverdes a ousadia de sair dela. (6)

Tal convicção de que Deus o guiava se manifesta ainda nas palavras:

— O próprio Senhor me revelou que devia viver segundo o santo Evangelho. (7)

III. A ENCARNAÇÃO, PONTO CULMINANTE DA BONDADE DO PAI PARA CONOSCO.

A bondade do Pai chega ao cume supremo na Encarnação. A Encarnação é para Francisco a manifestação máxima da bondade do Pai. Deus enviou seu Filho por amor a nós, pobres pecadores. Cristo é o irmão que o Pai nos deu e enviou para nos salvar. "Que coisa santa e querida, agradável, aprazível, humilde tranquilizador, doce e amável, e sobre todas as coisas desejável, é ter um tal Irmão. Um Irmão que deu sua vida por suas ovelhas; um Irmão que rezou a seu Pai por nós." (8) Nós estávamos irremediavelmente perdidos, condenados à eterna perdição. Deus, porém, se compadeceu de nós, e enviou-nos o Salvador.

— Ora, foi a vontade do Pai que seu Filho bendito e glorioso, que ele nos deu e que por nós nasceu, se oferecesse, ele mesmo, por seu próprio sangue em sacrifício e como vítima sobre o altar da cruz; não por ele mesmo . . . , mas por nossos pecados. (9)

O mistério da Encarnação, em toda a sua riqueza, passa a ser a fascinação de São Francisco. Já houve mesmo quem o chamasse "O Santo da Encarnação".

Francisco concentra toda a sua atenção e piedade no mistério do Cristo. Aceita, porém, o Cristo total. Não se detém somente em certos aspectos especiais, mas abraça o mistério todo.

— É esta integridade de fé (em Cristo) o que precisamente caracteriza a idéia de Cristo Jesus, como a teve São Francisco . . . Talvez não haja uma idéia ou uma consideração de Cristo que tanto se aproxime da totalidade e integridade do real, quanto a de São Francisco. Talvez não haja outra tão católica quanto a dele. Outros fundadores de ordens quiseram imitar o Cristo-Sacerdote, outros se impolgaram pelo Cristo-Pregador, outros pelo Cristo-Bom-Samaritano, outros ainda pelo Cristo-Sofredor. Em São Francisco todos estes aspectos e outros mais têm igual importância. (10)

Com isto, São Francisco trouxe para o seu tempo uma idéia de Cristo mais perfeita, mais natural, mais conforme o Evangelho. Sabemos que até São Francisco, Cristo era o "Kyrios". Cristo era o supremo Senhor, elevado, sublime, glorioso, triunfante. Cristo era mais Deus que homem, por assim dizer. Francisco via em Cristo o Deus, sim, mas um Deus muito humano; Cristo que se faz verdadeiro homem; em tudo semelhante aos homens menos no pecado. Cristo é o Deus-conosco. É um Cristo bem terreno, que tem compaixão da dor humana e sente os problemas e a penúria dos homens.

"É um Cristo mais próximo dos corações, sem quebra de sua transcendental sublimidade . . . São Francisco se tornou o principal arauto da piedade ao Cristo-Homem, sem prejuízo da piedade voltada a

Cristo-Deus, e sem nenhuma divisão contrária a verdadeira fé. É a São Francisco e a sua ordem que o mundo ocidental e a Igreja toda deve o surto enorme que tomou a piedade ao Cristo-Homem, perfeitamente correta do ponto de vista dogmático, indizivelmente eficaz na santificação das almas." (11)

Cristo, fruto da bondade do Pai que por amor a nós o enviou ao mundo, Cristo é o Deus bom.

— Se o Filho de Deus, dizia Francisco, desceu da grande altura que separa o seio do Pai da nossa abjeção, foi para nos ensinar a humildade, ele, o Senhor e Mestre, pela palavra e pelo exemplo. (12) Altíssimo, onipotente, bom Senhor, a ti pertencem . . . (cfr. Cântico das Criaturas)

Portanto, nada de divisões, de diminuições, nada de coarctação em Cristo, mas o Cristo total. É o que caracteriza a imagem de Cristo na mente de São Francisco. E esta é também a grande novidade da sua vida. No entanto, o Cristo para São Francisco se apresenta irmão dos homens, sobretudo:

- ◆ na pobreza e humildade do presépio;
- ◆ na doação total aos homens pela eucaristia,
- ◆ e no sofrimento de sua paixão e morte na cruz.

Presépio, Altar e Cruz, são para Francisco os três pontos culminantes e que resumem toda vida de Cristo. Por isso vai concentrar e consagrar todo o seu amor ao Menino de Belém, ao Cristo-Eucarístico, e ao Cristo-Sofredor. É a tal ponto e de tal modo ama e procura imitar Cristo que se torna, por assim dizer, um outro Cristo. O Cristo da Idade Média.

Vai ser este seu amor e esta perfeita imitação de Cristo — na pobreza, na humildade, na doação aos outros e no sofrimento — que vão atrair muitos homens de seu tempo e além de seu tempo para seguirem a Cristo, seguindo São Francisco.

O mistério do Natal. Oh! como ardia de zelo e piedade pelo mistério da natividade do Menino Jesus. Tomás de Celano diz: "A natividade do Menino Jesus celebrava-a ele mais do que qualquer outra solenidade, numa inefável alegria e com ardente amor." (13) Greccio lembra para sempre o amor de São Francisco pelo Menino Deus, pobre e pequenino. Aqui temos a fonte do seu amor a sua "Madonna Povertà". Quis ser tão pobre quanto Cristo tinha sido. Para imitar o Cristo pobre amou a pobreza com todo ardor do seu cavalerismo, a tal ponto de a personificar: A minha Senhora Pobreza, o que não significa simplesmente uma figura poética, mas a mais séria e radical decisão de levar uma vida de absoluta pobreza.

O mistério da Cruz. Foi aos pés do crucifixo da igreja de São Damião que Francisco iniciou sua

nova vida. Foi do Crucificado que êle ouviu esta ordem:

— Vai, Francisco, restaura minha casa.

Como era de crer, Francisco teve uma grandíssima devoção a Jesus-Crucificado. As dores do Crucificado se tornaram o pão e o alimento de toda sua vida. Passava noites chorando ao contemplar estas dores. Oh! o amor não é amado! Um dia perguntado porque chorava tanto, respondeu: “Choro a paixão de meu Cristo e não deveria envergonhar-me de, por causa dela, chorar e gemer em todas as estradas do mundo.”⁽¹⁴⁾ “O crucifixo para êle significava a fonte perene de todos os heroísmos, de todas as virtudes, de todas as emprêsas gigantescas que sem meios e sem armas empreendeu corajosamente.”⁽¹⁵⁾

Também aqui queria imitar perfeitamente o seu modelo. Por isso orava assim:

— “Oh! Senhor Jesus Cristo peço-vos que me concedais duas graças antes de eu morrer. A primeira é que sinta em minha alma e em meu corpo, tanto quanto possível, a dor que passastes durante a vossa amaríssima paixão. A segunda que sinta em meu coração tanto quanto possível, o extremo amor em que vos abressastes, e que vos levou a aceitar tão terríveis tormentos por nós pecadores.”⁽¹⁶⁾

Êste seu amor, e êste desejo de imitar as dores do divino Crucificado chega ao auge na crucifixação mística das chagas impressas em seu corpo no monte Alverne.

O mistério do Cristo Eucarístico. A eucaristia era para Francisco, o resumo supremo de toda a vida, de toda a obra, e sobretudo de todo amor do Cristo para conosco. Aí êle encontrava o Cristo vivo, assim como êle o concebeu em toda grandeza do seu espírito. Na eucaristia encontrava o Menino de Belém, o Cristo dos ensinamentos evangélicos, o Cristo pobre, o Cristo humilde, o Cristo sofredor. Na eucaristia adorava o seu Senhor, vivo e ressuscitado. Por isso diz Boaventura: “O sacramento do corpo do Senhor o inflamava de amor até o fundo do coração. Admirava, pasmado, uma misericórdia tão amorosa e um amor tão misericordioso.”⁽¹⁷⁾

Daí também, seu respeito, sua piedade ardente, seu zelo excessivo quase, “por tudo que de longe ou de perto se referisse a êste mistério”. Francisco mesmo escreve: “Os cálices, os corporais, os ornamentos do altar, e tudo que serve ao Santo Sacrifício, que os sacerdotes o considerem como muito precioso. Se o Santíssimo Corpo do Senhor estiver mal-guardado em qualquer lugar, êles devem, conforme o mandamento da Igreja, colocá-lo e guardá-lo à chave em lugar de honra; devem levá-lo com grande respeito e administrá-lo aos outros com discernimento.”⁽¹⁸⁾

LIVROS RECEBIDOS

VIDA EN FRATERNIDAD, n.º 6, julho-agosto 1971. Boletín de la Conferencia argentina de religiosos.

De 24 a 29 de maio se realizou um encontro das Superiores Maiores da Argentina. Eram 150 Superiores representando 77 congregações. Neste número de **Vida en Fraternidad** aparecem uma **crônica** desta semana de intenso trabalho e comunicação; o **compromisso assumido**, fruto maduro destas jornadas; uma **síntese** das conclusões e avaliações. Paga a pena ler.

JUVENTUDE PALOTINA, n.º 88, agosto 1971. Revista bimensal dos Padres Palotinos.

COMMUNION, Périodique trimestral publié par la Communauté de Taizé, n.º 98.

MENSAJE IBEROAMERICANO, publicación de la obra de cooperación sacerdotal hispano-americano, n.º 67, mayo 1971.

BROTÉRIA, cultura e informação, julho 1971.

OPSI INFORMA, julho 1971, n.º 5.

JOURNALISTES CATHOLIQUES, juin 1971. Bulletin de l'Union Catholique Internationale de la Presse.

VERS LA VIE NOUVELLE, junho 1971.

ITINERARIUM, revista trimestral de cultura, publicada pelos padres franciscanos de Portugal.

VINCULUM, órgão da Conferência dos Religiosos da Colômbia. Abril 1971.

Neste número de **Vinculum**, relevamos: 1. Vida secular consagrada. 2. Vocação secular e apostolado. 3. Vida religiosa ou Instituto Secular? 4. A existência humana e os votos religiosos. 5. Psicologia e Vida Consagrada.

CONTEMPLAÇÃO, n.º 9, 1971. Revista de divulgação e espiritualidade para monjas contemplativas claustrais.

Neste número paga a pena ler: Atualidade da Oração.

ORIENTAMENTI PER LA FAMIGLIA, n.º 7, julho 1971.

L'INTERPRETE, une analyse des objectifs et des activités communistes, julho 1971.

Assim se explica ainda o que êle diz no testamento: “O Senhor me deu tanta fé nas Igrejas que eu dizia com simplicidade: Nós vos adoramos Senhor Jesus Cristo em todas as vossas Igrejas que estão no mundo inteiro.”⁽¹⁹⁾

A eucaristia tornou-se o sol de sua vida e de sua piedade. É a devoção por excelência de São Francisco. E por causa da eucaristia lhe advêm a grande estima, o profundo respeito e reverência aos

sacerdotes, aos quais, por consagrarem a Santa Hóstia, quer estar sujeito em suas mãos como um prisioneiro, e saudá-los primeiro, caso encontre um anjo e um sacerdote. (cfr. Testamento)

Vejamos o que diz Hilarino Felder:

— Quando São Francisco fala do Salvador, tem em vista primeiramente a eucaristia. O seu serviço, a sua imitação e o seu amor a Cristo foram animados assim de um calor e de uma vida tão intensos porque, humanamente falando, tinha por objeto não mestre perdido no tempo e no espaço, mas Jesus Cristo realmente presente no Santíssimo Sacramento. Ainda aqui achava Francisco o presépio e a cruz; ainda aqui era vivo o seu divino Mestre, e êle, o cavaleiro de Cristo se conservava dia a dia no palácio e diante do trono do seu altíssimo rei. O altar era o secreto asilo da sua fé, da sua esperança, da sua caridade, dos seus pensamentos e das suas ações. Cristo era para êle na eucaristia e pela eucaristia, o objeto constante da sua piedade. A eucaristia era o centro de toda a sua vida religiosa.” (20)

Francisco é chamado com razão o “*Vir catholicus et totus apostolicus*”, o varão católico e todo apostólico. Êle é imagem de todo aquêle que quer seguir de perto a Jesus Cristo. Ê o modelo perfeito de todo religioso. Êle, como São Paulo, pode dizer: Irmãos, sede meus imitadores como eu o sou de Cristo. Perfeito imitador de Cristo, Francisco atraiu e continua a atrair os homens de hoje para seguir a Cristo na vida religiosa. E mesmo aquêles que não pertencem a Ordem Franciscana não deixam de admirar e venerar o Poverello de Assis pela sua simplicidade de vida, pelo radicalismo de sua doação a Cristo e a Igreja, e pela pureza de sua doutrina essencialmente evangélica.

Francisco encarnou o Evangelho em toda a sua extensão e profundidade. Por isso mesmo, o Papa João XXIII, ao convocar a Igreja para uma renovação evangélica e para uma volta às fontes, fez uma peregrinação a Assis como que a apontar Francisco como modelo de toda renovação e vivência evangélicas. E mesmo em toda mensagem do Concílio há “um fato curioso e altamente significativo . . . : a coincidência das idéias de São Francisco de Assis com

as do Concílio Ecumênico Vaticano II. O paralelismo é realmente surpreendente em numerosos pontos e em questões essenciais.” (21)

Ê que Francisco soube captar os anseios e as angústias, as preocupações e problemas do seu tempo, dando-lhes como resposta, uma vivência autêntica e radical do Evangelho.

BIBLIOGRAFIA

1. Legenda dos Três Companheiros, cap. VI, 20
2. Carta aos Fléis, 9, 5-6
3. Tomás de Celano, Vida I, cap. 7
4. Opúsculos: Louvor a Deus
5. Ibidem
6. Espelho da Perfeição, cap. IV, 68. Ver: O. Englebert, Saint François d'Assise, Albin Michel, Paris 1947, página 259
7. Legenda, cap. VIII, 29
8. Carta aos Fléis, 9, 6-9
9. Ibidem, I, 23-29
10. Koser, Constantino, O Pensamento Franciscano, 1960, Vozes, página 29
11. Ibidem, pág. 30
12. São Boaventura, VI, 1
13. Tomás de Celano, Vida II, 199
14. Espelho da Perfeição, cap. VII, 92
15. Koser, Constantino, O Pensamento Franciscano, página 31
16. Floretti, Considerações sobre os Estigmas
17. São Boaventura, IX, 2
18. VI Carta, 3-4
19. Testamento, 4-5
20. Hilarino Felder, Os Ideais de São Francisco II, Vozes, página 56
21. Boaventura Klopenburg, O Minorismo na Fraternidade, Documentos Franciscanos, 5

H E R D E R
EDITORA LIVRARIA LTDA.
CAIXA POSTAL, 7509
SÃO PAULO — SP

KITS DE ESTATÍSTICA, de Luís Fausto Ferreira e Pêrsio Toledo Oliveira. Ano 1971. Páginas: 85.

Uma nova maneira de aprender estatística. Ê grande o número de pessoas que necessitam aprender estatística, para diferentes fins, e que,

não tendo conhecimento suficiente de matemática, desanimam-se ao deparar com símbolos matemáticos em que não foram iniciados. Os que se dedicam às Ciências Humanas e à Educação encontrarão em **KITS DE ESTATÍSTICA**, de maneira simples e objetiva, a parte básica e mínima, suficiente, para o que desejam.



ESTANTE DE LIVROS

FÉ EM DEUS E SAÚDE PSÍQUICA, Georg Sigmund, 1971. Páginas: 230.

O autor é suficientemente conhecido pelos seus estudos teológico-filosóficos. Dedicou-se, de modo especial, a investigar a interdependência da fé com a psicologia. Este livro trata do que poderíamos chamar Patologia da descrença.

Os autores pós-kantianos consideram a fé em Deus como uma neurose. Sigmund considera esta opinião puramente teórica. E procura a partir da experiência construir sua própria teoria. Sobre o suposto de que a enfermidade é uma ruptura do equilíbrio interno do homem, analisa uma série de casos patológicos bem conhecidos através dos escritos autobiográficos. Daí tira a conclusão de que não é a fé em Deus que produz as neuroses e psicoses. Pelo contrário, em todos os casos examinados, a perda da fé no sobrenatural provocou a ruptura íntima do homem, enquanto que a recuperação das concepções religiosas restabeleceu o equilíbrio interno. De um modo mais específico, é a fé católica a que consegue mais plenamente essa reintegração.

O autor não adota posição apologética. Simplesmente, narra e analisa fatos, sem demorar-se nas conclusões. O livro capta facilmente o interesse do leitor. A doutrina é sólida e segura, podendo ajudar a muitos a reencontrar ou a fortalecer a fé.

TREINAMENTO DE LIDERANÇA CRISTÃ, Haroldo J. Rahm, S.J., 1971. Páginas: 240.

A juventude se torna cada dia mais consciente do papel importante que lhe cabe dentro da Igreja. Este é um fato que evidencia a atuação do Espírito Santo no mundo de hoje. Os movimentos de jovens que surgem em todo o mundo e, particularmente no Brasil, enchem de alegria a qualquer apóstolo e são motivo de gratidão para com o Espírito que os inspira.

Representando os jovens o 70% da população brasileira, sendo a juventude, por sua natureza, toda ela esperança, consideramos um grande

EDIÇÕES LOYOLA

RUA VERGUEIRO, 165

CAIXA POSTAL, 12 958

SÃO PAULO — SP

e consolador sinal dos tempos ver como a mesma está sequiosa de participação, como cresce com um grande sentido de eficácia e de justiça, e como para tudo isso conta com a presença e a graça de Jesus Cristo.

As Edições Loyola, desejando contribuir para o autêntico treinamento de líderes cristãos entre os jovens, publicam, com imenso prazer este manual de T.L.C., um destes movimentos carismáticos.

CONTRÔLE DA DOR, Frederick Prescott, 1971. Páginas: 190.

A dor é velha como a humanidade e os esforços para evitá-la estão referidos nas histórias de todos os tempos.

Nas tabuletas de argila da Babilônia, nos papiros escritos no Egito, no tempo das pirâmides e dos faraós, nos registros persas gravados em couro, nas tabuletas de Micenas e nos pergaminhos de Tróia, podem-se encontrar referências às dores que afligiam a humanidade e às orações, magias e outras maneiras pelas quais se esperava obter alívio. Junto à mulher em parto, por exemplo, acendia-se um fogo fumacento de ervas poderosas para afastar as dores. Usavam-se anéis no nariz e tatuava-se a pele para exorcizar o demônio. Plantas raras e partes de animais e amuletos eram usados para assustar os maus espíritos e afugentar os demônios.

A história do sofrimento do homem passa da pré-história à antiguidade através dos babilônios, egípcios, chineses, hebreus, gregos e romanos, e, finalmente, através da Idade-Média, para os tempos modernos.

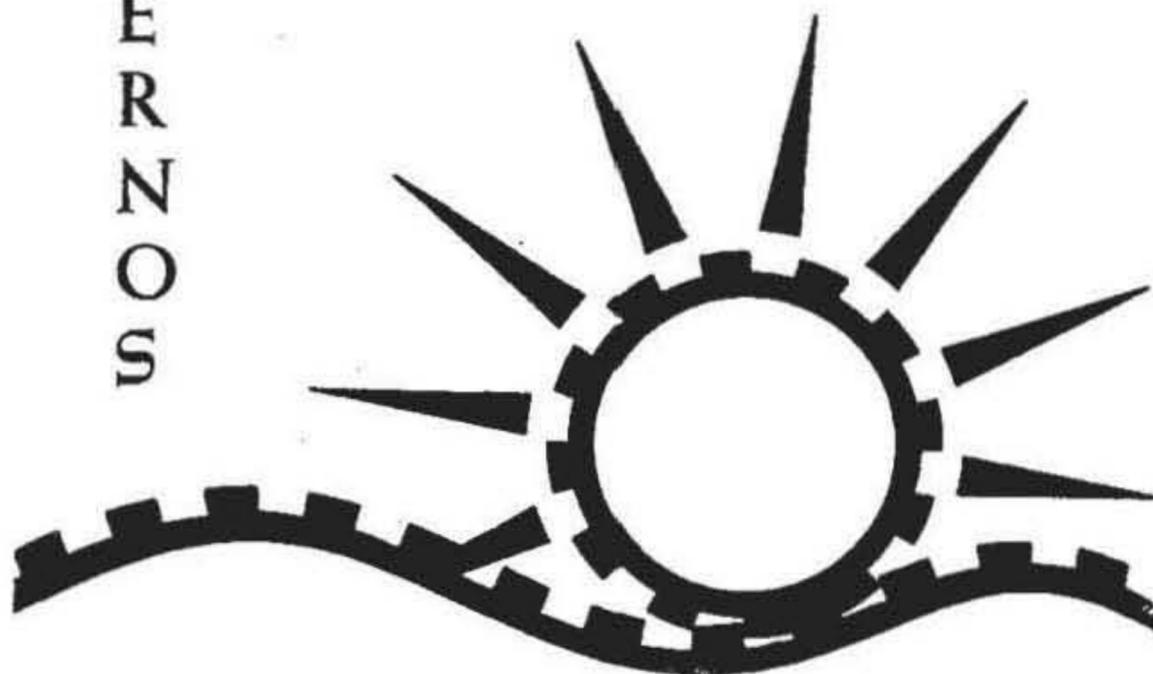
Frederick Prescott escreveu este livro maravilhoso que sabe unir à profundidade da pesquisa a amenidade do melhor dos romances. Lê-se de um fôlego e interessa do início ao fim, como de fato pode interessar o mais humano dos problemas, a dor e os seus remédios.

A dor vista através dos tempos, os anódinos antigos, a história da anestesia, o poder da sugestão, o parto sem dor, os analgésicos sintéticos e opiáceos, o problema da toxicomania, os anestésicos locais, o alívio da dor pela cirurgia e a psicologia, são os temas que o autor aborda com profundidade, dando ao público, através das Edições Loyola, um livro que pode ser entendido pelo leitor leigo em medicina e que interessa demais aos que a professam.

EPOPÉIA DA MEDIANEIRA, Pe. Afonso Rodrigues, SJ, 1971, Páginas: 70.

C
A
D
E
R
N
O
S

DO CEAS



O "país do futuro" tem problemas a enfrentar, alternativas a escolher para que as esperanças de desenvolvimento, liberdade e dignidade de seu povo não se mantenham no reino do amanhã.

O estudo e o debate destes problemas e alternativas deve ser amplo e representa uma exigência a que a consciência social ou individual não pode ficar alheia.

O *Centro de Estudos e Ação Social — CEAS — de Salvador* é um órgão que busca

na reflexão e análise sobre os problemas econômicos, sociais, políticos e religiosos, indicar alternativas para a superação dos obstáculos porventura existentes a um desenvolvimento justo e harmônico. Seu trabalho é apresentado nos *Cadernos do CEAS*, que começaram a ser publicados em 1969, encontram-se no seu undécimo número e saem ao ritmo de seis por ano. Para o corrente ano de 1971 estão já elaborados três cadernos:

**DINÂMICA POPULACIONAL NO DESENVOLVIMENTO
RENDA NO NORDESTE
SUDENE E O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE.**

No presente ano de 1971 a Equipe do CEAS pretende não só ampliar a difusão de suas publicações pelo aumento de assinantes e vendas avulsas como criar ou fortalecer canais de diálogo e colaboração com os interessados no seu trabalho dos quais, inclusive, deverão surgir os temas para as demais publicações do ano.

A assinatura para 1971 além de dar direito aos seis cadernos referidos significará a sua colaboração a uma equipe a qual acredita que o desenvolvimento é uma tarefa de todos e que a todos deve servir.

(VER QUARTA CAPA)